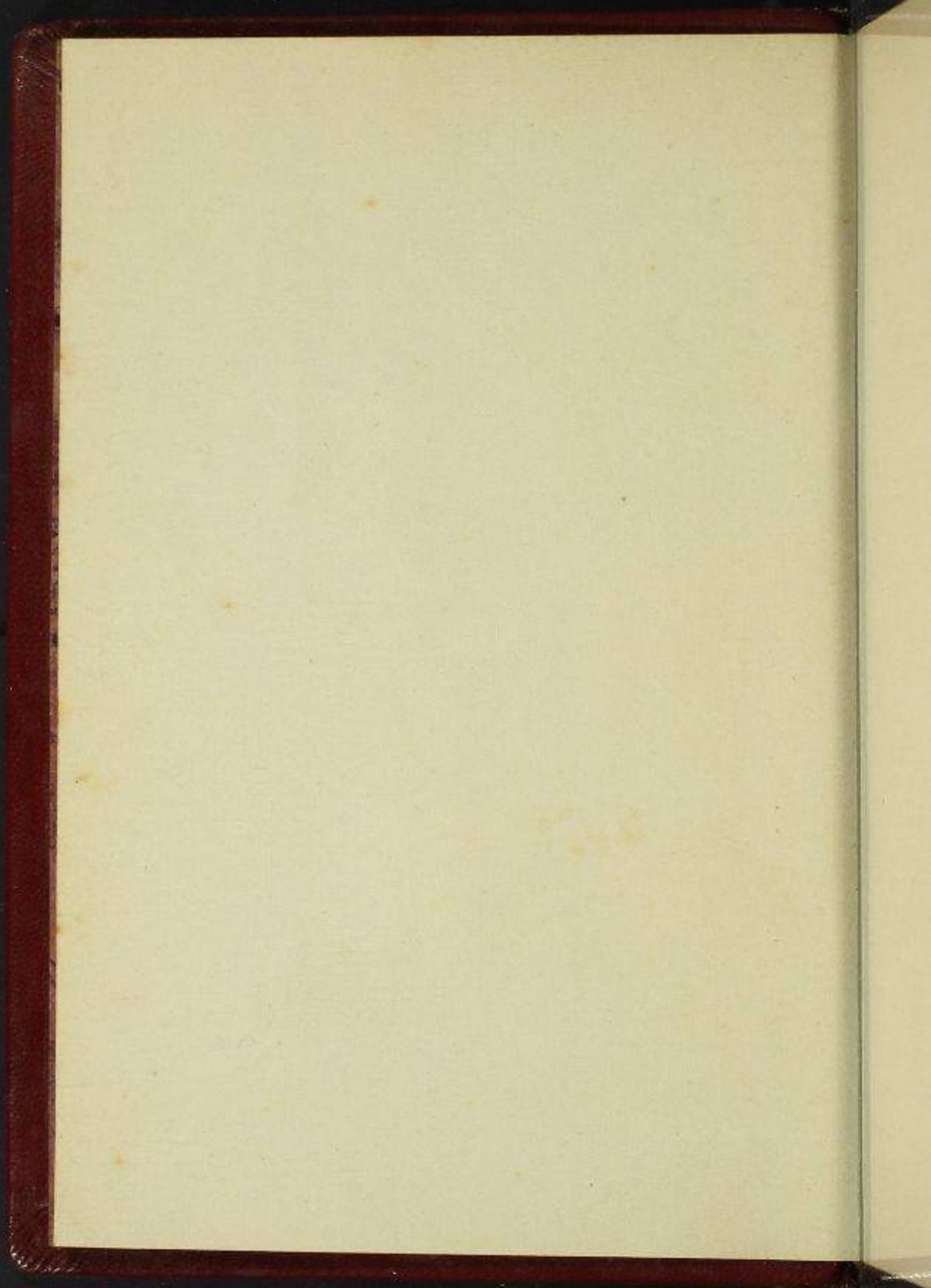
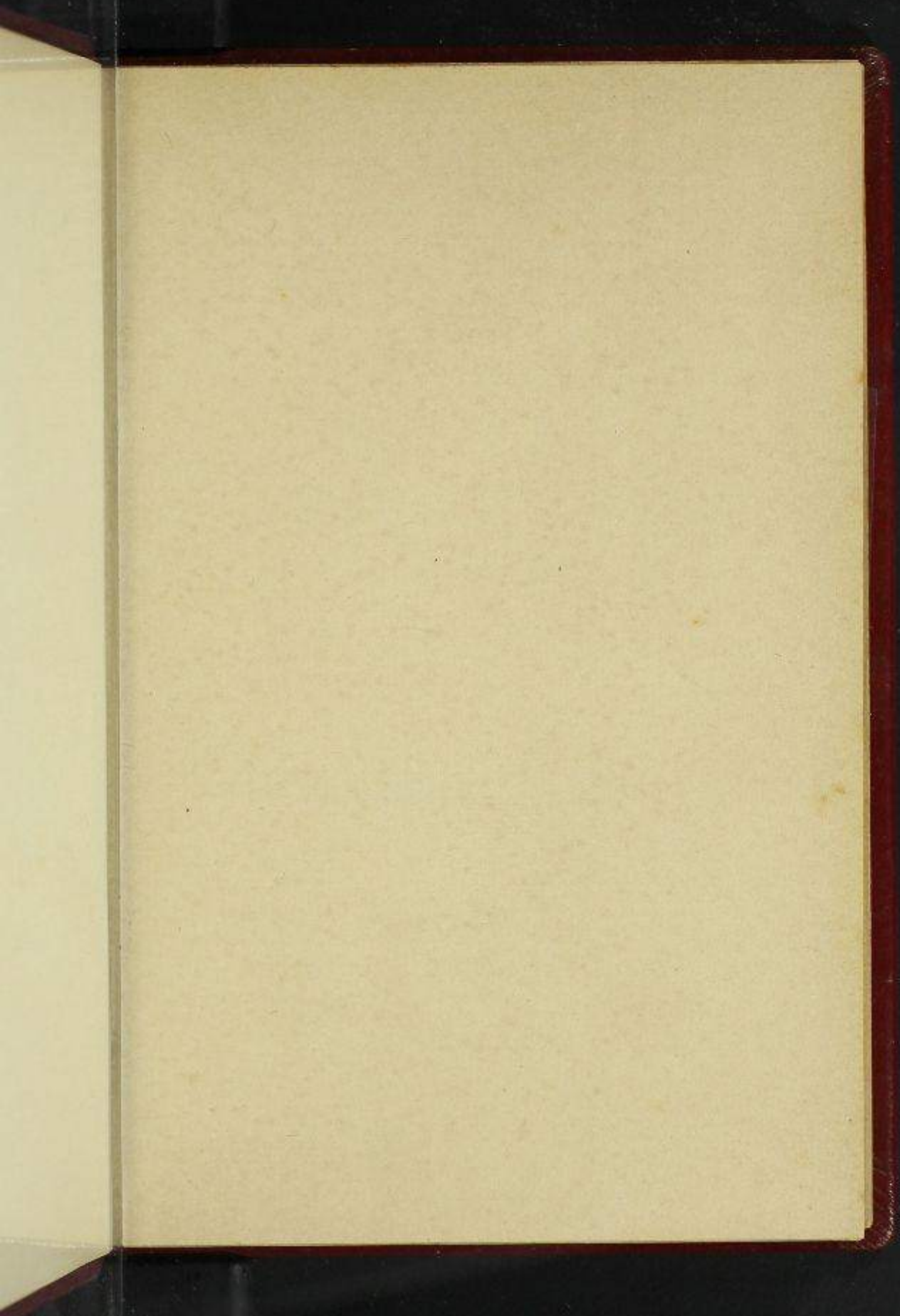


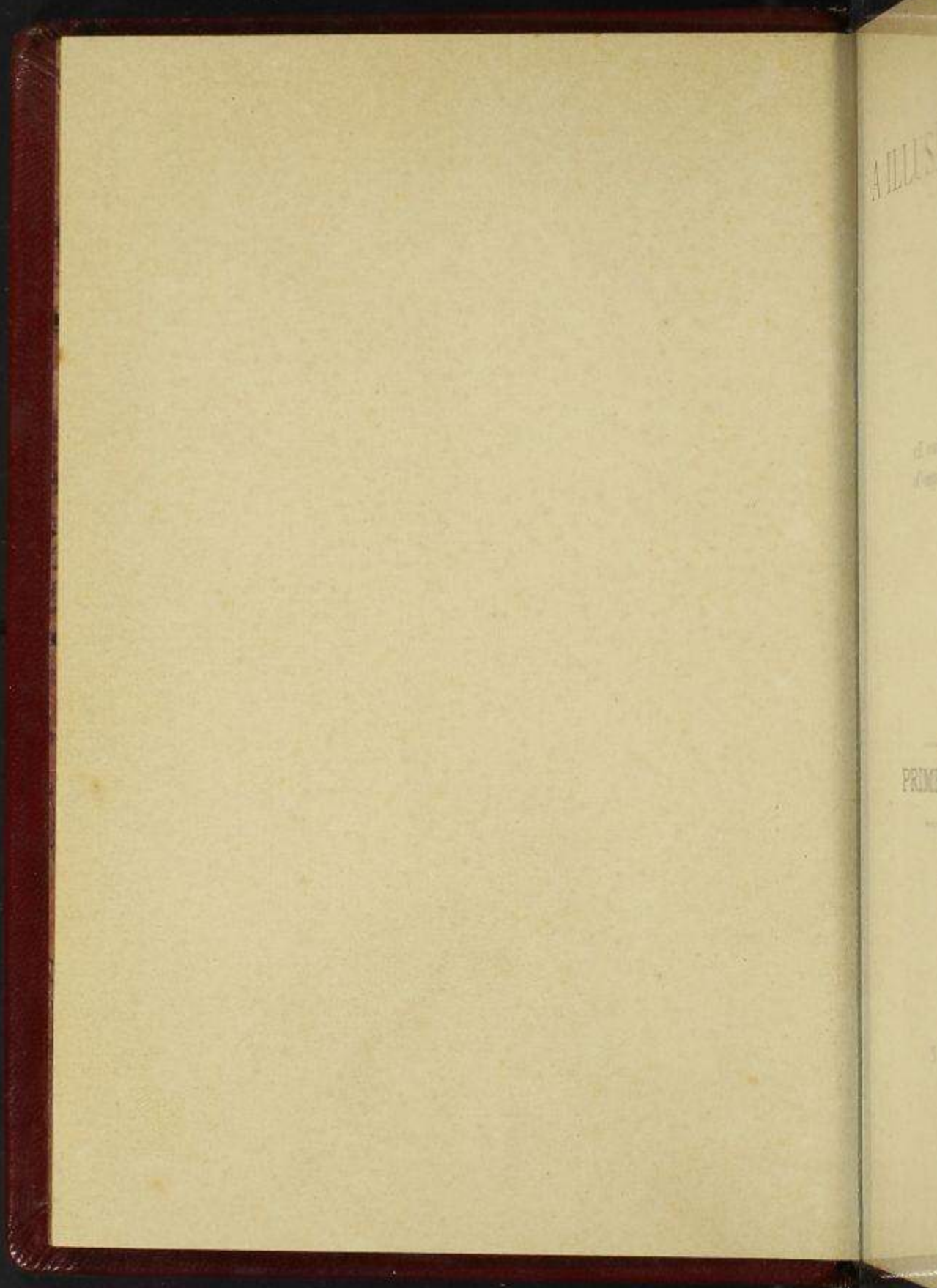
Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin







A ILLUSÃO AMERICANA

«E conhecer que vives d'hum engano»
«Comprado tanto a custo de teu dano!»

ROLIM DE MOURA. *Noc. do*
Homem. C. I. est. 38.

PRIMEIRO MILHEIRO

S. PAULO

Novembro — 1892.

Pensamos que
insubstancia de
se pretende im
de república
nos separados
orno pela
pela história e
O fato de
afirmem no
geográficas
exagerado im
descobrir as
em nome
governo e
to que ena
imais. Em
técnicas e
De transmi
nova, entre

A ILLUSÃO AMERICANA

Pensamos que é tempo de reagir contra a insanidade da absoluta confraternisação que se pretende impôr entre o Brazil e a grande republica Anglo-saxonia de que nos achamos separados não só pela grande distancia, como pela raça, pela religião, pela indole, pela historia e pelas tradições do nosso povo.

O facto do Brazil e dos Estados Unidos se acharem no mesmo continente é um accidente geographico ao qual seria pueril attribuir uma exagerada importancia. Onde é que se foi descobrir na historia que todas as nações de um mesmo continente devem ter o mesmo governo? e onde é que a historia nos mostrou que essas nações têm por força de ser irmãs? Em plena Europa monarchica não existem a França e a Suissa republicanas? Que fraternidade ha entre a França e a Allemanha, entre a Russia e a Austria, entre a

Dinamarca e a Prussia? Não pertencem estas nações ao mesmo continente, não são proximas visinhas e deixam, por ventura, de ser inimigas figadaes? Pretender identificar o Brazil com os Estados Unidos pela razão de serem do mesmo continente é o mesmo que querer dar a Portugal as instituições da Suecia porque ambos os paizes estão na Europa.

A fraternidade americana é uma mentira. Tomemos as nações ibericas da America. Ha mais odios, mais inimizades, entre ellas do que entre as nações da Europa.

O Mexico deprime, opprime e tem, por vezes, invadido Guatemala, que tem sangrentissimas guerras com a republica do Salvador, inimiga rancorosa do Nicaragua, feroz adversaria do Honduras que não morre de amores pela republica de Costa Rica. A embrulhada e horrivel historia de todas estas nações é um rio de sangue, é um continuo morticínio. E onde fica a solidariedade americana, onde a confraternisação das republicas?

A Colombia e Venezuela odeiam-se de morte. O Equador é victima, nunca resigna-

da, ora das violencias colombianas, ora das pretensões do Perú. E o Perú? Já não assaltou a Bolivia, já não se unio depois a ella n'uma guerra injustissima ao Chile? E o Chile, já não invadio duas vezes a Bolivia e o Perú, não fez um horroroso morticínio de bolivianos e peruanos na ultima guerra, talvez a mais sangrenta deste seculo? E o Chile não tem sómente estes inimigos: o seu grande adversario é a Republica Argentina. Este, paiz que tem usurpado territorios á Bolivia, obriga o Chile a conservar um exercito numeroso e ninguém ignora que um conflicto entre aquelles paizes é uma catastrophe que, de um momento para outro, poderá rebentar. O dictador Francia, o sangrento verdugo do Paraguay, que Augusto Comte colloca entre os santos da humanidade venerados no calendario positivista, por odio aos argentinos, enclausurou o seu paiz durante dezenas de annos. A Republica Argentina é a adversaria nata do Paraguay. Lopes atacou-a e ella secundou o Brazil na sua guerra contra o Paraguay. E que sentimento tem a Republica Argentina pelo Uruguay? Não ha um só homem de Estado

argentino que não confesse que a suprema ambição do seu paiz é a reconstituição do antigo vice reinado de Buenos Ayres, pela conquista do Paraguay e do Uruguay. Eis ahí a fraternidade americana.

Estudem-se, um por um, todos os paizes ibericos americanos. O traço caracteristico de todos elles, além da continua tragedia e do morticinio incessante, que é a vida desses paizes, é a ruina das finanças.

É na ruina das finanças o ponto principal é o calóte systematico, o roubo descarado feito á boa fé dos seus credores europeos. Os ministros da fazenda das republicas hespanholas, por meio de empréstimos que não são pagos, têm extorquido mais dinheiro das algibeiras europeas do que jamais a Europa tirou das minas de ouro e prata da America. Tomemos os phantasticos orçamentos destes paizes; e, no meio dos deficits pavorosos e das mais indecentes falsificações, na irregular contabilidade publica que conservam estes paizes, onde os dinheiros do Estado são gastos e apropriados pelos presidentes com uma semcerimonia de que é incapaz o Czar da Russia, o que é que vemos? Lá

está o celeberrimo orçamento da guerra a tudo devorar. Lá estão as dezenas de generaes, as centenas de coroneis e os milhares de officiaes. E' a prova de que não existe a fraternidade americana. Se as nações americanas vivessem ou pudessem sequer viver como irmãs, não precisariam esmagar de impostos o contribuinte nem arrebentar os respectivos thesouros defraudando os credores com a compra d'esses armamentos e apparatus bellicos tão destruidores da prosperidade nacional.

Fallemos agora da grande republica norte americana e vejamos quaes os sentimentos da fraternidade que ella tem demonstrado pela America Latina e qual a influencia moral que ella tem tido na civilisação de todo o continente.

No ultimo quartel do seculo passado, homens extraordinarios, da velha stirpe saxonia, revigorada pelo puritanismo e bafejada pelo philosophismo, surgiram nas treze colonias inglezas da America do Norte. Resolveram constituir em nação independente a sua patria e não lhes entrou

nunca pela mente fazer proselytismo de independencia ou de fórma republicana na America. Nem isso era proprio da sua raça. O fim que tiveram em vista foi um fim immediato, restricto e practico. Fazendo a independencia da sua patria, tinham como alliados os reis de França e de Hespanha. Como poderiam elles querer que este ultimo, a quem eram gratos pela sua intervenção em favor da independencia, perdesse as suas ricas colonias americanas? E' altamente comica a ignorante pretensão com que escriptores francezes superficiaes procuram ligar a revolução americana á revolução franceza, querendo por força que as idéas revolucionarias francezas tenham influido na America, quando, a ter havido alguma influencia, foi antes da America sobre a França. A pessoa de Franklin, com os seus calções pretos, sem espada ao lado, nem bordados nem plumas, com os seus grossos sapatos de enfiar com o seu prestigio de sabio e de libertador, passeando atravez das galerias de Versailles; a fama de ter elle sido um simples operario na sua mocidade, isso sim foi uma influencia real em França. Quando elle, no

seu scepticismo cheio de bonhomia, ria-se da pomposa divisa que lhe arranjou Turgot o celebre: *Rapuit caelo fulmen sceptrumque tyrannis*,—dava uma prova de que ao seu terrível bom senso não escapava a insensatez suicida da aristocracia franceza. Quando rebentou a revolução, quando ella começou a matar e a incendiar, houve em toda a America uma grande sympathia por Luiz XVI e Maria Antonieta, os antigos alliados, os generosos protectores da independencia americana e, em breve, a opinião publica que acolhia com benevolencia os emigrados, obrigou o governo de Washington a uma completa ruptura de relações diplomaticas com a republica franceza. Onde a solidariedade republicana, onde a fraternidade?

Em 1786, um joven brasileiro, Maia, estudante de Montpellier, disfarçando-se com o pseudonymo de Wandeck e rodeando-se de mil mysterios, tentou approximar-se de Jefferson então embaixador dos Estados Unidos em Versalhes. Aproveitando-se de uma viagem de Jefferson pelo Sul da França, encontrou-se com elle em Nîmes e ahi fallou-lhe da independencia do Brazil com que

sonhava e pediu-lhe o auxilio dos Estados-
Unidos. Jefferson desanimou-o, quasi que
rio-se de Maia como se evidencia das
cartas que o embaixador escreveu a Jay,
Secretario de Estado, dando-lhe conta da
entrevista que tivera com o joven brasilei-
ro. Em 1817, emissarios Pernambucanos fo-
ram aos Estados-Unidos pedir auxilio; foram
ludibriados e o governo de Washington
apressou-se em dar conta de tudo ao mi-
nistro portuguez Corrêa Serra. Por occasião
da independencia do Brazil, não recebemos
prova alguma de boa vontade por parte
dos americanos e só depois de outros pa-
izes reconhecerem a emancipação do Brazil
é que os Estados-Unidos reconheceram a
nossa autonomia. Note-se que a celebre
doutrina de Monroe data de 1822; foi na
mensagem presidencial desse anno que aquel-
le presidente estabeleceu a não intervenção
da Europa nas cousas d'America. Ora, tres
annos depois, em 1825, é que a nossa in-
dependencia foi reconhecida por Portugal,
pela intervenção ingleza, representada na
pessoa de Sir Georges Stuart, depois Lord
Rothesay. Mais tarde é que os Estados-

Unidos celebraram com o Brazil um tractado de amizade, commercio e navegação. O ministro americano no Rio, cremos que se chamava Raguet, oppoz grandes embaraços á nossa nascente nacionalidade, embaraços que foram só em parte removidos pelo seu successor, um homem illustre, William Tudor. O antecessor deste foi insolente e grosseiro, mostrando, dizia-se então, grandes sympathias pelos portuguezes. O governo americano ligou-se por esta epocha inteiramente aos governos que faziam pressão sobre o Brazil por motivo de questões de presas maritimas no Rio da Prata. Leia-se os *State Papers* americanos do tempo e hade se vêr que, quando o almirante francez Roussin apresentou-se na barra do Rio de Janeiro com a sua esquadra a nos fazer exigências, o ministro americano deu-lhe o seu apoio moral e esteve bem esquecido de Monroe e da sua doutrina. Quando a Inglaterra e a França intervieram na Republica Argentina contra Rosas, o governo americano que convivia em perfeita harmonia com aquelle monstro, o que fez? Nada.

Por essa epocha, o governo dos Estados- Unidos acabára já a guerra contra o Mexico, outra prova da solidariedade e da fraternidade americana. A má fé do governo de Washington começou com a questão do Texas. Favoreceu quanto poudes a revolta d'aquelle territorio, animou-o a separar-se do Mexico para mais depressa absorvê-lo e depois declarou a guerra ao Mexico, verdadeira guerra de conquista, humilhou aquella republica até ao extremo e arrebatou-lhe metade do seu territorio. O' fraternidade!

E a doutrina de Monroe, o que era feito della? A Inglaterra estendia a suas conquistas ao Oeste do Canadá até chegar ao Oceano Pacifico. Antes já arrebatára contra todo o direito, as ilhas Malvinas ou Falkland á Confederação Argentina. Mais tarde, tomou Belise ao Honduras sem que sabbisse a campo a tal doutrina e quando Schomburgk intrometteu-se em territorio brasileiro na lagôa dos Pirâras, na fronteira da Guyana Ingleza, retirou-se deante da energia da diplomacia brasileira, que, nessa occasião não encontrou o menor apoio em Washington, apezar de Monroe e da sua doutrina.

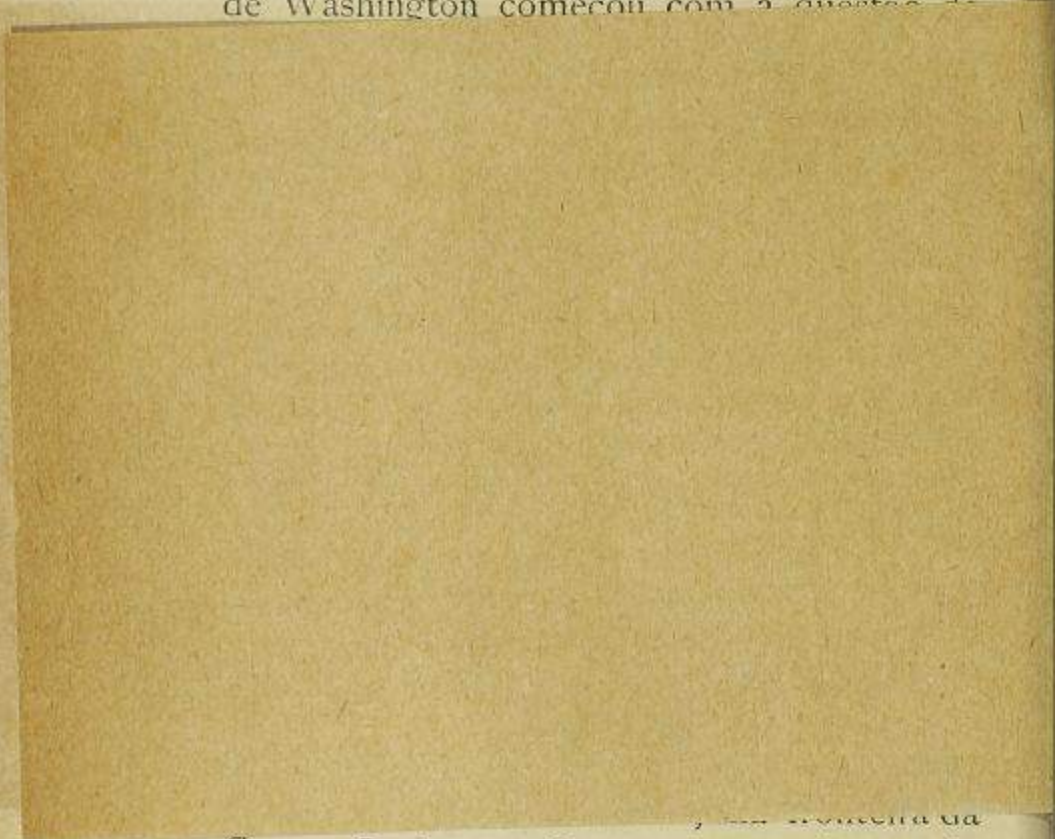
Correm os tempos, e o Brazil, a Republica Argentina e o Uruguay, em legitima defeza, emprehendem a mais justa das guerras contra Lopes, do Paraguay. Lá en

AS ILHAS MALVINAS

Os Estados Unidos não se limitaram a não se oppôr a que a Inglaterra se apossasse destas ilhas argentinas. Em 1831, o capitão Silas Duncan, commandante da corvêta americana « Lexington » sorprehendeu, assaltou e fez prisioneiros os inoffensivos colonos argentinos, incendeando todos os edificios. Não havia guerra entre os Estados Unidos e a Argentina e este acto de barbara pirataria norte-americana contra uma republica da America, teve como pretexto umas divergencias a respeito de pescarias.

Aquelle grande paiz dera ao mundo um exemplo bem desmoralizador pelo seu apêgo á escravidão. Emquanto no Brazil não houve escravocratas que tivessem o cynismo de querer legitimar a iniqua institui-

Por essa epocha, o governo dos Estados-
Unidos acabára já a guerra contra o Mexi-
co, outra prova da solidariedade e da fra-
ternidade americana. A má fé do governo
de Washington começou com a questão de



Guyana Ingleza, retirou-se diante da energia
da diplomacia brasileira, que, nessa occasião
não encontrou o menor apoio em Washing-
ton, apesar de Monroe e da sua doutrina.

Correio
do Rio de Janeiro
de 1840
guerra contra
veteranos
deu em
dos ministros
Voto
de e
perdido
Quarta
Lopes
mostram
sua
de Wash
sua
de Lopes
E o
de
cas
Americana
A
exempl
ajogo
não
desto

Correm os tempos, e o Brazil, a Republica Argentina e o Uruguay, em legitima defeza, emprehendem a mais justa das guerras contra Lopes, do Paraguay. Lá encontramos a diplomacia americana a nos crear embaraços e, representada nas pessoas dos ministros Washburn e general Mac-Mahon, intimos de Lopes, espectadores mudos e impassiveis das suas crueldades, seus verdadeiros cúmplices pelo silencio.

Quantas difficuldades não crearam esses homens aos exercitos alliados? Ainda ahí mostraram os americanos do Norte qual a sua comprehensão da fraternidade americana. Washburn e Mac-Mahon, abusando das suas immunidades, eram espias e auxiliares de Lopes, trahindo o exercito alliado.

E o procedimento do Brazil tinha sido todo de correccão e lealdade em emergencias bem graves para a Republica Norte Americana.

Aquelle grande paiz déra ao mundo um exemplo bem desmoralizador pelo seu apêgo á escravidão. Emquanto no Brazil não houve escravocratas que tivessem o cynismo de querer legitimar a iniqua institui-

ção, nos Estados Unidos, onde os senhores de escravos foram muito mais crueis que no Brazil, publicaram-se livros, sermões, com a apologia scientifica e até religiosa da escravidão e chegou o momento em que metade do paiz julgou que, para conservar a escravidão, valia a pena sacrificar a propria patria americana. O escravismo sobrepujou o patriotismo. E rompeu a guerra civil mais terrivel e mais sangrenta de que résa a historia. O governo de Washington deixou logo, aos primeiros tiros do forte Sumter, em Charleston, de dominar parte do territorio. Os rebeldes crearam uma verdadeira esquadra de corsarios. O governo americano que a ignorancia ou a má fé estam agora querendo apresentar aos brasileiros com o indefesso propugnador do progresso e das idéas liberaes e humanitarias em materia de direito internacional, tinha-se recusado a adherir ao tractado de Paris, de 1856, pelo qual fôra abolido o corso como recurso barbaro abandonado pelas nações cultas. Por uma punição providencial, foi contra os interesses do governo americano que se organisou o corso mais activo e ter-

rivel de que ha noticia. Os corsarios sulistas correram todos os mares do globo. Nesse tempo, a marinha mercante americana era talvez a segunda do mundo. Com o desenvolvimento da corrupção politica nos Estados Unidos, o favor feito aos poucos ricos armadores nacionaes, a pretexto de proteccionismo, tornou por tal fórma cara a construcção naval que a marinha mercante americana por assim dizer desapareceu. Os corsarios sulistas tinham pois presas ricas e numerosas em que saciar a sua sêde de vingança e principalmente de lucro.

Deante do incremento tomado pela revolta sulista, não foi possivel ás nações estrangeiras desconhecer, nas relações internacionaes, a personalidade juridica dos confederados, nome esse que os revoltosos assumiram. De facto, senhores de varios pontos, dispendo de fortalezas, os rebeldes dominavam uma parte do territorio de que o governo de Washington, ao cabo de muito tempo, não tinha podido se apoderar. As nações estrangeiras não podiam deixar de considerar os confederados como belligeran-

tes. Nem outra doutrina podia prevalecer. De outro modo, bastaria a qualquer governo declarar simplesmente rebeldes ou piratas as forças de terra ou de mar ao serviço dos seus adversarios para prival-as de todos os direitos de guerra. Ora a revolução é um direito, segundo as theorias modernas, e as nações estrangeiras não devem entorpecer por qualquer modo, ainda que indirecto, o exercicio desse direito. Grocio diz que uma nação onde ha uma revolta deve ser considerada pelo terceiros, isto é, pelos outros paizes, como duas nações separadas, cada uma com os seus direitos de belligerante. Os tratadistas de direito internacional dizem que para isso é preciso : 1.º que a revolta tenha já algum tempo de duração não tendo podido o governo suffocal-a ; 2.º que os recursos da revolta sejam importantes ; 3.º que ella domine uma parte do territorio quer maritimo quer terrestre. Ora os confederados estavam nesse caso e o proprio governo americano créara um precedente contra si quando, em 1837, reconheçêra como belligerantes os revoltosos do Texas sem fazer caso das reclamações do Mexico.

O reconhecimento dos insurgentes como belligerantes é cousa muito das tendencias do direito internacional moderno. E' uma medida aconselhada pelos proprios interesses da humanidade. O titulo de belligerante confere certos direitos, mas, a esses direitos correspondem certos deveres que, a bem de todos, devem ser cumpridos pelos belligerantes. Se se nega todos os direitos aos insurgentes, como pretender impor-lhes os deveres geraes da guerra? E ao interesse da humanidade convém que esses deveres sejam respeitados. Ora, se não ha direito a que não corresponda um dever, também não ha deveres a que não correspondam também direitos. Bluntschli, o oraculo do direito internacional, diz que, desde que os rebeldes se acham militarmente organizados, devem ser reconhecidos como belligerantes e diz mais que o direito internacional actual fez um progresso mostrando-se disposto a conceder a qualidade de belligerante a um partido revolucionario. As leis da humanidade, diz elle, assim o exigem. (1)

(1) Vid. *Le Droit International codifié* § 512.

Não tardaram os corsarios sulistas em apparecer nos portos do Brazil e o governo brasileiro manteve-se na maior discrição e na attitude a mais correcta, sómente permittindo que os navios fizessem agua e recebessem carvão apenas em quantidade sufficiente para, em marcha lenta, se transportarem ao mais proximo porto estrangeiro. O governo americano julgou dever reclamar *pro forma* e o ministerio dos negocios estrangeiros do Brazil, n'uma nota luminosa e digna, nota que é hoje classica em direito internacional, defendeu o procedimento do governo imperial e o proprio Secretario de Estado do Governo de Washington o eminente Mr. Seward, um dos mais notaveis estadistas americanos, deu-se por satisfeito com a justificação contida em a nota brasileira, assignada pelo ministro de estrangeiros, o conselheiro Magalhães Taques. Seward disse, em resposta, que se rendia á evidencia demonstrada n'aquella nota habilissima. (*most able note*). O amor proprio brasileiro, n'aquelle tempo, podia ter satisfacções destas e, quando um vaso de guerra americano, em aguas da Bahia, arrebatou um

navio confederado, deante da energia dos protestos brasileiros, o governo de Washington deu todas as satisfações e reparou a injuria feita ao pavilhão imperial. Terminada a guerra civil, houve o grande litigio entre a Inglaterra e os Estados Unidos, a celebre contenda conhecida pelo nome de «Questão Alabama»; o governo do Brazil foi escolhido pelas altas partes litigantes para ser um dos arbitros entre as duas grandes nações. Não podia ser mais solemnemente reconhecida do que foi então a lealdade e a correcção do governo do Rio de Janeiro. Annos mais tarde, surgio um litigio derivado ainda da guerra civil americana. O conflicto era entre as duas grandes republicas do mundo, entre a França e os Estados Unidos. O arbitro unico escolhido foi o Imperador do Brazil. No tribunal que funcionou em Washington, representou o soberano brasileiro o Sr. Barão de Arinos. No tribunal do Alabama, que funcionou em Genebra, o juiz brasileiro foi o fallecido Barão depois Visconde de Itajubá. Vê-se, por isso, qual não era o prestigio do Brazil. Hoje, querendo os Estados Unidos fechar o mar de

Behring, e, retrocedendo estranhamente para épochas passadas, restabelecer o *mare clausum* que Selden e Benavides defenderam no seculo XVII contra Grocio, o fundador de direito internacional moderno, a Inglaterra oppoz-se á pretensão e os dous paizes recorreram a um arbitramento. Parece que os tempos estavam mudados. Os Estados Unidos já não appellaram para o governo do Brazil e o governo de Washington, que querem agora apresentar como o paladino da fraternidade americana, nem por sombras pensou em recorrer aos seus collegas presidentes de Republicas latinas. Os Estados Unidos preferiram a arbitragem de algumas anachronicas chancellarias de velhas e carcomidas monarchias européas!

Não seriamos completos em nossa demonstração de que os Estados Unidos, embora contem illustres escriptores de direito internacional, são mais egoistas e prepotentes em suas practicas do que as monarchias européas, se não nos referissemos ao celebre incidente do *Trent*. O vapor deste nome, vapor inglez, levava, como passageiros, dous enviados diplomaticos representantes dos

Estados Confederados, os Srs. Sliddel e Mason que ião, como enviados extraordinarios e ministros plenipotenciarios, em missão especial, um delles para Londres outro para Pariz. Pois bem, um navio de guerra americano, em alto mar, deteve o vapor inglez e violentamente arrancou de bordo os dous passageiros. Este acto, contrario ao direito da gentes, esse desrespeito ao pavilhão de uma nação neutra, esta felonía contra os dous diplomatas, despertou a indignação de todos os governos e o governo de Washington vio-se obrigado a censurar o official que perpetrou tão feia acção, mas aproveitou-se della conservando por muito tempo os dous prisioneiros. Este acto é apenas menos condemnavel do que a vilania que contra nós practicou Solano Lopez aprisionando em plena paz o vapor brazileiro *Marquez de Olinda* vapor que levava o coronel Carneiro de Campos, presidente de Matto-Grosso. Esta proeza parece que foi vivamente aconselhada a Lopez pelo cidadão uruguayo o Sr. Vazques Sagastume, hoje ministro no Rio de Janeiro e portanto um dos coryphéos da fraternidade americana.

Faz-se muito cabedal do facto dos Estados-Unidos terem intimado á França a retirada das suas tropas do Mexico. Foi um serviço, mas como não tem o Mexico pago caro este serviço? O governo de Maximiliano não se poudé manter embora tenha sido o governo mais honesto que o Mexico tem tido desde a independencia. Maximiliano era um estrangeiro. Houvesse um principe Mexicano que aquella população, de indole monarchica, accitaria unanime a monarchia. Demais, Maximiliano não quiz sancionar os grandes abusos do clero, sobretudo em relação aos bens da Igreja. Não esqueçamos que o decreto abolindo os contractos agricolas dos *peones*, revogação de uma lei antiga pela qual os trabalhadores das *haciendas* ficavam verdadeiros escravos, sujeitos até aos açoites, attrahio, contra o principe liberal, os odios das chamadas classes conservadoras que sabemos o que são, em toda a America Latina. Parece que ha uma fatalidade para os chefes de Estados libertadores: Alexandre II da Russia, despedaçado pelas bombas nihilistas, Maximiliano fuzilado, Lincoln assassinado e dona

Izabel do Brazil exilada. O martyrio é a consagração dos grandes feitos em prol da humanidade! No Mexico, o sentimento monarchico é irresistivel. Não pôde restaurar a monarchia mas tem tornado impossivel a Republica. Porque no Mexico não ha, não houve, nem hade haver republica. O notavel escriptor americano Gronlund diz que, se os Estados-Unidos, na epocha da sua independencia, tivessem encontrado um principe inglez, como o Brazil encontrou um principe portuguez, a monarchia se teria estabelecido nos Estados-Unidos e que o tempo teria feito desta monarchia um regimen bem differente do regimen de oppressivo monopolio e de cruel plutocracia que é hoje a essencia do governo norte americano (1). Se se pôde dizer isto dos Estados-Unidos, com muito mais razão se dirá o mesmo do Mexico. A Republica, no Mexico, como n'outros paizes da America Latina nunca será uma cousa impessoal; a Republica ahi será sempre um homem. Foi Juarez, homem representativo, do typo dos

(1) Lemos isto na collecção de estudos sociaes publicada pelos editores inglezes Swan & Sonnenschein.

de Carlyle, homem que representou o odio ao estrangeiro. Ora o odio póde destruir; o odio póde ser a verdadeira expressão do sentimento nacional n'um momento dado, mas o odio não crêa cousa alguma. Augusto Comte tem uma das suas intuições geniaes, quando quer que as sociedades humanas tenham o amor por base. Só o amor é creador. Por isso Juarez nada creou. Don Sebastian Lerdo de Tejada, ministro e successor de Juarez, foi uma transição entre a politica do odio indigena e a concepção juristica da sociedade. Homem da lei, juriconsulto, pretendeu pôr tudo em artigos de codigos. Espiava-o o militarismo, sorte commum e inevitavel de toda a America Iberica. Deposto e expulso Lerdo, pelo general Diaz, voltou o Mexico ao militarismo systematico. O general Diaz e o general Gonzales revesam-se, ha vinte e tantos annos, no poder e o poder delles é practicamente absoluto. A Constituição, copiada da Constituição americana, dá ao Presidente quasi todos os poderes. O Congresso é nada, as eleições uma farça. O furor imitativo dos Estados-Unidos tem sido a ruina da America. Pericles, no

seu celebre discurso do Ceramico, disse: «Dei-vos, ó athenienses, uma Constituição que não foi copiada da Constituição de nenhum outro povo. Não vos fiz a injuria de fazer, para vosso uso, leis copiadas de outras nações.» Ha muita grandeza na exclamação do genio grego; ha uma presciencia de tudo quanto descobrio a sciencia social moderna que, afinal, se póde resumir n'isto: As sociedades devem ser regidas por leis sahidas da sua raça, da sua historia, do seu character, do seu desenvolvimento natural. Os legisladores latino-americanos têm uma vaidade inteiramente inversa do nobre orgulho do atheniense. Gloriam-se de copiar as leis de outros paizes! O Mexico copiou pois a Constituição norte americana. Uma disposição constitucional dizia mais que o Presidente era inelegivel para o periodo presidencial immediato á sua presidencia. D'ahi o hybridado e immoralissimo pacto de Diaz e de Gonzales. Diaz elege Gonzales com a condição de Gonzales eleger de novo a Diaz. E isto dura ha, mais de vinte annos. Agora, parece que Diaz não quer largar e já fez

reformatar a Constituição revogando a incompatibilidade, vae se fazer reeleger e Gonzales vae ficar logrado. Falla-se já em revolução Gonzalista e o estado de sitio funciona no Mexico como a mais invejavel regularidade.

Eis ahi o serviço que os Estados-Unidos prestaram ao Mexico livrando-o de um governo que, embora incriminado de estrangeiro, foi o mais brando, o mais civilizado, n'uma palavra, que jamais teve aquelle desgraçado paiz. E não se limitaram a isso a os bons officios da irman republica. Depois de haver retalhado o territorio mexicano em 1848, depois da victoria definitiva da republica no Mexico, os Estados-Unidos constituiram sobre aquelle paiz um verdadeiro protectorado que mexicanos imprevidentes foram acceitando sem vêr que era a ruina e o descredito da sua patria. O duumvirato Diaz-Gonzales attrahio para o Mexico uma nuvem de aventureiros que, patrocinados pela legação americana, apresentavam-se querendo concessões e privilegios que lhe eram dados, a troco de favores pessoais, de acções beneficiarias e de outras

mil fórmulas da fraude financeira. O Mexico, a pretexto de armarem-no com todos os instrumentos modernos de progresso, foi a presa submissa e opima dos americanos. Tudo foi ali objecto de privilegio, tudo motivo para concessões com garantia de juros, e outras vantagens onerosas para o thesouro. Os concessionarios corriam para New-York e na bolsa de Wall Street obtinham dos incautos o dinheiro que desejavam. Quer imperasse Diaz ou reinasse Gonzales o methodo era sempre o mesmo. Muitas vezes, membros do governo de Washington eram socios dessas alicantinas e, se o governo mexicano fazia alguma pequena difficuldade em entregar o dinheiro, logo agia sobre elle a pressão diplomatica. Diaz e Gonzales amontoavam grandes fortunas e Washington rejubilava. Os jornaes americanos annunciavam com enthusiasmo os progressos da iniciativa americana, dizendo que a conquista financeira do Mexico era apenas o preludio da conquista politica que mais tarde viria. Nesse tempo, o illustre Lerdo de Tejada que vivia em New-York exilado, dizia a quem escreve estas linhas:

«Os generaes mexicanos, no meu tempo, roubavam nas estradas; agora roubam nas companhias. E' um progresso.» A principal figura desta roubalheira, figura pouco sympathica, mas parece que um pouco innocente n' esses crimes, foi o general Grant. Aquelle soldado feliz era um homem de curta intelligencia, ignorante em materia de negocios e, em todo o caso, um individuo sem grandes delicadezas. Logo que se tratava de um assalto qualquer ás piastras mexicanas, o iniciador da idéa ia ter com o general Grant e este logo dava-lhe o seu nome, o seu prestigio e a sua influencia. Chegou então ao auge a jogatina e a immoralidade. O Mexico, a pretexto de applicação no seu solo de capitaes yankees, era practicamente governado pela legação americana. O Mexico deixou de ser dos Mexicanos. Alguns patriotas protestavam; mas os generaes Diaz ou Gonzales dispunham logo do recurso de prender os patriotas e de proclamar o estado de sitio. O illustre orador, o notavel poeta do Mexico, o Sr. Altamirano, no meio do abaixamento geral, ergueu, contra a alliança americana a

sua voz eloquentissima : « Não! » bradava elle no Congresso « mil vezes a nossa pobreza antiga do que a ignominia que presencia-mos. O leão mexicano era livre na liberdade ampla das nossas serranias. O estrangeiro desleal e corruptor tem-no agri-lhoado e julga-se ainda seu bemfeitor di-zendo que são de ouro as cadeias como que o subjuga! Não! *Vincula quamvis aurea tamen vincula sunt!* » Emquanto esta voz illustre se levantava no Mexico, em New-York, n'um grande banquete de confrater-nidade (financeira já se vê) entre figurões americanos e notaveis mexicanos, banquete presidido pelo general Grant, o Sr. Evarts, um dos mais conhecidos estadistas america-nos, antigo Secretario de Estado, usava de linguagem que bem justificava a indignação patriótica de Altamirano. O Sr. Evarts passava por ser o homem mais espirituoso dos Estados Unidos mas, muitas vezes, apesar de homem letrado, tocava ás raias da vul-garidade. Isto é muito commum nos Es-tados Unidos. Ha ali muita gente com re-putação de espirituosa, mas n'aquelle paiz que, tendo tido a honra de ter a patria

de Edgard Poë, deixou-o morrer na miséria e no desprezo geral, negando-lhe até hoje um monumento, as chocarrices dos *professional witties* ou espirituosos de profissão, são muita vez acolhidas com entusiasmo. Eis o que dizia o Sr. Evarts, entre as gargalhadas dos Yankees e os sorrisos, amarellos, dos mexicanos: « A doutrina de Monröe é por certo uma boa cousa, mas, como todas as cousas boas antiquadas, precisa de ser reformada. Essa doutrina resume-se n'esta phrase: A America para os Americanos—Ora, eu proporia com prazer um additamento: Para os Americanos, sim senhor, mas, entendamo-nos, para os Americanos do Norte (*applausos*). Comecemos pelo nosso caro visinho, o Mexico do que já comemos um bocado em 1848. Tomemol-o. (*Hilaridade*). A America Central virá depois, abrindo nosso appetite para quando chegar a vez da America do Sul. Olhando para o mappa vemos que aquelle continente tem a fórma de um presunto. Uncle Sam é bom garfo; ha de devorar o presunto (*Applausos e hilaridade prolongada*). Isto é fatal, isto é apenas

questão de tempo. A bandeira estrellada é bastante grande para estender a sua sombra gloriosa de um oceano a outro. Um dia ella fluctuará unica e ovante do pólo norte ao pólo austral.»

Continuava porém, no Mexico, a orgia dos melhoramentos. A repartição Mexicana de estatística começou a ser de uma phantasia e de uma imaginação pasmosas. Concessão de caminho de ferro que fosse objecto da um decreto do executivo era immediatamente inscripta nos relatorios e nos outros documentos officiaes, não como um simples acto legislativo, mas como uma realidade effectiva. Eram mais tantos e tantos milhares de kilometros de linha que se davam como feitos e que os mappas do governo, destinados ao estrangeiro, traçavam orgulhosamente em longos riscos multicôres. Qualquer tentativa de uma nova industria, de uma cultura extranha, era immediatamente classificada como uma fonte já creada e abundante de riquezas immensas. Foi então que no Brazil houve ingenuos que começaram a se inquietar com a grande balléla do café do Mexico e, foi depois de lér

algumas d'aquellas estatisticas ultra-phantasistas, que o Sr. Quintino Bocayuva fez propaganda republicana n'uns artigos com este titulo: *Olhemos para o Mexico*. Muita outra gente quiz, mais ou menos por esse tempo, que os brasileiros olhassem tambem para a Republica Argentina e viajantes boçaes que d'ali vinham, depois de curto passeio, vinham republicanos. Tinham visto os restaurants luxuosos de Buenos Aires, admirado as carruagens das cocottes e dos empregados publicos prevaricadores, tinham contemplado a architectura riquissima dos bancos sem ver a fraude e a ruina que lá iam por dentro. Voltavam para o Brazil e vendo os nossos ministros e parlamentares andando de bond, vendo os modestos edificios dos nossos bancos (então ainda acreditados) concluïam que o Brazil era um paiz atrazado e que a culpa era da monarchia.

E' porém muito grande a força das cousas. Antes de rebentar a fallencia fraudulenta da Republica Argentina (que outro nome não tem a situação actual d'aquelle desgraçado paiz) terminou escandalosamente o consorcio financeiro do Mexico e dos

Estados Unidos. Partiram as primeiras reclamações dos pobres accionistas defraudados; os infelizes que contribuíram para as extraordinarias emprezas pomposamente patrocinadas pelos generaes de uma e de outra republica, começaram a perceber, embora tardiamente, que tinham sido atrozmente espoliados. As minas nada rendiam, as terras concedidas erão llanos estereis, serras inaccessiveis ou pantanos e mangues pestilentos nas costas inhospitas do golfo ou do Pacifico. E n'essas phantasticas creações, nos ordenados das directorias, nos estipendios á imprensa, nas renumerações a funcionarios mexicanos e a diplomatas dos Estados Unidos, escoaram-se, volatilisaram-se os milhões de dollars subscriptos. O grito das victimas foi medonho. A principio, o grande prestigio do general Grant foi um dique que por algum tempo conteve a onda da indignação que afinal irrompeu por toda a parte, nos meetings, na imprensa e nos tribunacs de New York. A celebre empreza do caminho de ferro do Tehuantepec foi declarada em fallencia; os bancos suspenderam pagamentos, houve suicidios entre os

figurões compromettidos, um filho de Grant foi arrastado aos tribunaes e o pobre general soffreu grandemente na sua popularidade, quando o seu nome se achou envolvido em tantos litigios escandalosos. A maior parte dos decantados melhoramentos do Mexico ficaram addiados indefinidamente, o thesouro d'aquella republica sahio arrebatado da lucta, mas, continuando debaixo do dominio de Diaz e de Gonzalez—o Mexico é ainda hoje uma victima, depauperada, da amizade e da fraternidade norte americana:

Esta rapida exposição demonstra o que é a fraternidade dos Estados Unidos para os paizes latinos. Vimos o Mexico; vamos agora á America Central.

Não ha quem ignore que o Governo Americano, em violação de todas as leis internacionaes e de todos os principios de humanidade deixou organizar-se em seu territorio a odiosa expedição Walker contra a America Central, expedição na qual aquelle negregado pirata só tinha por fim o saque, o roubo e ou assassinio.

Quem ha, versado na historia latino americana, que não tenha na lembrança o barbaro bombardeamento de São João de Nicaragua em 1835? O commandante de um vapor americano matou cruelmente com um tiro de carabina, á entrada d'aquelle porto, o patrão de um barco de pesca. As auctoridades exigiram a entrega do criminoso. O ministro americano oppoz-se; houve manifestações de desagrado ao ministro e tanto bastou para que os Estados Unidos mandassem a Nicaragua a corveta *Cyane* que exigio todas as reparações, o pagamento de uma longa lista de pretendidos prejuizos soffridos por americanos e 30,000 dollars de indemnisação ao ministro, pelas assuadas. Isto sob pena de bombardeio em 24 horas. A população, julgando que o caso se limitaria a algumas bombas arremessadas contra a pequena cidade que apenas contaria umas quinhentas casas, retirou-se para o interior. No dia seguinte, depois de atirar algumas bombas, o commandante operou um desembarque e as suas tropas incendiaram todas as casas. A cidade ficou inteiramente destruida e o prejuizo causado a estrangeiros pela destrui-

ção de mercadorias subiu a mais de 2,000,000 de dollars.

Este crime não teve outra punição além do justo stygma da historia.

Quando a Inglaterra apoderou-se do territorio de Belise que constitue o Honduras inglez, a pobre republica de Honduras, em vão appellou para a protecção do governo de Washington, allegando contra a violencia que lhe era feita a doutrina de Monröe. E quando formou-se na Europa, com séde em França, a mallograda Companhia do Canal Interoceanico que obteve uma concessão do congresso colombiano, o governo de Washington sahio-se logo com a doutrina de Monröe, fazendo um terrivel escarcéo. O velho Lesseps, porém, foi de Panamá a New York, foi a Washington e, como por encanto, toda a opposição cessou por parte da Secretaria do Estado. Annos depois tudo isto ficou explicado por occasião do celebre processo de Panamá! As influencias americanas, os homens do governo de Washington deixaram de lado Monröe e a sua doutrina. No processo de Panamá verificou-se que mais de 80 milhões de francos foram mysteriosa-

mente gastos nos Estados Unidos, para acalmar escrupulos e para suavisar a doutrina de Monröe. Eis qual tem sido o papel dos Estados Unidos em relação á grandiosa idea do canal interoceanico. Aquelle paiz tem empregado toda a sua influencia para atrazar e embaraçar por todas as formas a grandiosa empreza, promettedora de beneficios para a humanidade e isto para não prejudicar as companhias dos caminhos de ferro transcontinentaes. E' mais um serviço que lhe devem a Colombia, o Equador, o Perú, a Bolivia e o Chile paizes cuja prosperidade tanto necessita do Canal de Panamá.

Quando em 1888 a esquadra italiana ameaçou os portos da Colombia e do Equador exigindo violentamente satisfações e indemnisações que protecção ás suas irmãs violentadas deu a republica norte americana?

Nenhuma.

Quer-se apresentar o governo americano aos brazileiros como o grande amigo das nações deste continente, como o seu protector nato e, no furor d'isso demonstrar, ha

jornaes brazileiros, de tão atrophiado patriotismo, que chegam a collocar o Brazil como que debaixo do protectorado americano, fazendo do Rio de Janeiro o vassallo e Washington o suzerano. E' contra esta falsa idéa, contra este esquecimento do pundonor nacional, que queremos reagir relembrando aos nossos compatriotas o que tem sido para a politica Americana.

Para o Mexico, ella tem sido um algoz e para a America Central um inimigo.

Continuemos agora a vêr o que os Estados Unidos têm feito contra outros paizes sem esquecer a miseravel Republica do Haity a quem os Estados Unidos ha pouco, a titulo de indemnisação por prejuizos soffridos por americanos, nas muitas revoluções haytianas, tomaram um pedaço de territorio, o Molhe São Nicolas. Haity e São Domingo, já têm sido varias vezes bombardeados por navios de guerra da União americana sempre a pretexto de indemnisações reclamadas. E aquelles pobres paizes julgavam-se isentos d'estas reclamações; todos os seus governos tinham de certo, cautelosamente, expedido decretos dizendo de ante-mão que não se responsa-

bilisavam pelos prejuizos que as revoltas causassem tanto em terra como no mar!

Em relação á republica de S. Domingos, ha um acto da politica norte-americana que é bem caracteristico. Em certa epocha, um dos muitos marechaes, mais ou menos inclutos, que têm felicitado aquella terra, acompanhado de um Congresso qualquer, votou a incorporação de S. Domingos á Republica Norte Americana. Foi um acto da idiota fraternidade americana hoje tão favoneada no Brazil. Foi uma reproducção da ingenuidade com que em 1834 uns deputados brasileiros, n'um comico projecto, propuzeram a Federação entre o Brazil e os Estados Unidos. O projecto brasileiro de 1834 nem foi tomado em consideração. O acto dos governantes de S. Domingos foi objecto de deliberação no Congresso de Washington e os pobres São Domingueses passaram pela humilhação de se vêr repellidos. E não foi uma simples repulsa. Com a grosseria yankee, alias bem conhecida, a repulsa foi fundamentada. Segundo o senado norte americano, S. Domingos não foi acceito porque a população da ilha, sendo quasi toda negra,

era mais um elemento de desmoralisação para os Estados Unidos.

Os patriotas cubanos que têm sonhado com a independencia da perola das Antilhas, puzeram, a principio, grandes esperanças na doutrina de Monröe. Julgaram que os Estados Unidos não podiam deixar de protegel-os contra a metropole. Como poderia a aguia americana consentir que, á sombra das suas azas poderosas, continuasse uma parte do livre solo americano debaixo do jugo hespanhol? New York, por muitas, vezes tem-se tornado o quartel general dos conspiradores cubanos. A legação de Hespanha, em Washington, diversas vezes tem protestado contra a quebra das leis da neutralidade por parte do governo americano que tem deixado organisarem-se verdadeiras expedições armadas contra o governo de Cuba. Qual tem sido o proceder do governo americano? A principio, deixa que a conspiração gaste dinheiro em New York, frete navios, compre armas e á ultima hora vira-se contra ella, a policia americana põe-se de accordo com o serviço de vigilancia mantido pela legação hespanhola e os pobres patriotas são bur-

lados nas suas esperanças. Mais de uma vez, as expedições têm chegado a sahir de portos americanos, têm aportado a Cuba e têm sido invariavelmente batidas pelos hespanhoes. Os patriotas cubanos, talvez injustamente, accusam sempre os seus auxiliares, americanos mercenarios, de traição. Uma vez, a tripulação inteira de um navio, composta de americanos, foi inexoravelmente fuzilada em Cuba e, apesar da emoção que este facto produziu nos Estados Unidos, o governo de Washington, nem por isso tomou a defeza da causa da independencia cubana. Tem sempre abandonado esta causa, vendendo á Hespanha a posse indefinida de Cuba, a troca de favores commerciaes, isenções de direitos para productos americanos etc., etc. O frio egoismo e o requintado machiavelismo não são pois o privilegio exclusivo da negregada diplomacia das Côrtes europeas.

Os Estados Unidos têm muitas relações com o Perú e estas relações não têm trazido grandes beneficios para esta Republica latina.

A historia do Perú, depois do grande periodo tragico e heroico da conquista e depois de findo o dominio colonial, é bem simples. Tem sido 70 annos de desgraça que transformaram a mais rica possessão da corôa hespanhola n'um dos paizes mais pobres e infelizes do mundo. Quatorze lustros de regimen republicano! Houve porém um periodo de illusoria prosperidade e é de extranhar que então alguém tambem não nos dissesse: *Olhemos para o Perú!* O grande periodo da nevrose e da megalomania financeira na Argentina foi o periodo da grande importação do ouro europeu; o periodo correspondente, no Brazil, foi o da fundação das finanças republicanas pelo Snr. Ruy Barbosa, foi a epocha do papel. No Perú, a epocha póde ser chamada a epocha do guano.

Durante centenares senão milhares de annos, segundo os calculos do sabio Raymondi, os pelicanos do mar, as aves dos rochedos, as gaivotas das praias, revestiram as fraldas dos penhascos, as planuras e encostas dos ilhotes e das enseadas fragosas, de uma grande e profunda cobertura de dejec-

ções que constituíram uma enorme massa de materia alcalina e phosphatada com que a industria começou, ha uns trinta annos, a revigorar as terras exaustas pelas culturas seculares. Para os valles da Virginia depauperados pela esgotante cultura do tabaco, para os campos da Inglaterra e da Allemanha, foi levado em grandes carregamentos, o adubo salvador, comprado a peso de ouro no Perú. Isto que devia ser a riqueza da infeliz nação foi uma causa de desgraça. O esterco que ia ao longe fertilizar as terras estereis servio para activar a putrefacção do governo e do paiz todo. O guano foi declarado propriedade nacional e a sua extracção era objecto de concessões feitas a particulares. Os particulares eram, em regra, parentes ou amigos dos homens do governo e tornavam-se, em todo o caso, seus socios. O thesouro recebia grandes proventos do guano, já em troca das concessões, já sob a forma de direitos de exportação. Foi nesse tempo que o governo peruano vio-se preza de um bem singular motivo de inquietação ou de susto, susto que parece ser proprio aos estadistas finan-

ceiros, em vesperas de grandes desastres. Também no Perú se perguntava na imprensa, no Congresso, em conversas particulares: O que fazer dos saldos do thesouro? Pergunta insensata!

Ha um conto oriental—do homem a quem o destino deu um milhão por dia com a condição do homem gastal-o todo no tempo comprehendido entre duas auroras.

A falta do cumprimento desta condição era a morte do infeliz. Prazeres, gozos, prodigalidades, tudo isto bastou, nos primeiros dias, para consumir o milhão diario. Em pouco tempo, veio a fadiga, o esgotamento e debalde trabalhava a imaginação do homem para achar o meio de esvasiar os ultimos saccos de ouro que ainda estavam cheios quando já alvorecia a aurora do novo dia. Apareceu o Anjo da Morte e annunciou ao desgraçado o seu fim: Lamentou-se o homem: Não consegui gastar o meu milhão! E o Anjo da Morte respondeu-lhe: E que tu esqueceste o unico meio que havia para isso!—Qual era?—Fazer o bem!

Ora, os paizes, victimados pela superabundancia de dinheiro, só têm um meio de

escapar a esse mal, aliás singularissimo. E' fazer o bem. E ha tantos modos de um governo ser bemfazejo! Não fallamos de soccorros publicos, de grandes esmolas collectivas, de dinheiro distribuido pelos pobres ou pelos soldados, signaes certos estes do esphacelamento do character nacional, factos proprios das tyrannias expirantes e dos pretorianismos insaciaveis. A sciencia politica caminhou desde a antiguidade. Hoje, o dinheiro publico, que vem do imposto, sendo mais do que é necessario para os serviços publicos, o que ha a fazer é pagar as dividas do Estado se o Estado tem dividas. Se as não tem ou se não convem liquidal-as por qualquer razão, não ha outro alvitre honesto senão a diminuição dos impostos.

Os Estados Unidos, ha bem pouco tempo, tinham um saldo embaraçoso, uma grande reserva metallica que muito deu que fallar. Por alguns annos, prevaleceu, até certo ponto, n'esse particular, a politica honesta e sensata, de applicar esse saldo á amortização da divida. Os proteccionistas não queriam consentir na diminuição dos

impostos de entrada que eram os que mais avolumavam o saldo. A tentação era porem muito grande e muito pequenos eram os escrúpulos dos politicos. Em pensões escandalosas, em subsidios injustificaveis, foi malbaratado o saldo. Apareceu o deficit no orçamento. O Thesouro, para favorecer os ricos proprietarios das minas, continuou a permittir a livre cunhagem da prata, foi transformando um metal desvalorizado n'uma moeda tambem despreciada e, em virtude de celebre lei de Gresham — que a moeda depreciada faz emigrar a moeda de mais valor—o ouro emigrou para a Europa e o paiz todo cahio na pavorosa crise economica em que hoje se debate, sobrenadando no naufragio os grandes capitalistas e os homens do monopolio, sendo porém a classe pobre, os operarios, mergulhados na miseria a mais negra.

O Perú, diziamos, achou-se em serias difficuldades deante de tanto dinheiro. Não lhe veio á mente a idea de fazer o bem, que seria no seu caso, o pagamento das dividas nacionaes ou a diminuição dos impostos. Por essa epocha, o ministro das

relações exteriores mandou uma circular ás legações peruanas, ordenando-lhes que, convocando os principaes economistas dos paizes onde se achassem acreditadas, expuzessem-lhe a situação financeira do Perú e pedissem áquelles luminares da sciencia conselho e opinões para aquelle grave caso. O Perú soffria, o Perú ia morrer talvez e desesperado recorria a sciencia perguntando-lhe quaes os remedios para o seu mal, para terrivel doença: a plethora de dinheiro. Variaram talvez os alvitres, mas a doença desapareceu por si, antes de ser applicado ao enfermo o receituário da douta faculdade. Dous generaes de boa vontade, os generaes Pardo e Prado, secundados por outros collegas, por muitos coroneis e por um exercito todo mettido a politico, acabaram com os saldos e o Perú deixou de ser excepção na America hespanhola, ficou tão fallido como qualquer outra republica, dando-se a integralisação na quebradeira hispano-americana.

N'essa epocha de desmoralisações administrativas que chegam até á legenda, foi grande no Perú a malefica influencia dos Esta-

dos Unidos. Os aventureiros americanos enchiam Lima. Como no Mexico, esses aventureiros eram apresentados pela Legação Americana, por ella patrocínados e o posto de ministro americano no Perú tornou-se muito lucrativo. De vez em quando, lá iam boas sommas em indemnisações a yankees concessionarios de guanos ou de qualquer outra cousa e que se pretendiam lesados pelo governo. Ora, esses movimentos de capitães, não se dão sem deixar algumas aparas nas mãos da diplomacia de Washington. Fallava-se tambem, ás vezes, em doutrina de Monröe, o que não impedio a Hespanha de aggre-dir o Perú, bombardear Calláo e Valparaiso sem que dos Estados Unidos partisse uma voz sequer em favor dos paizes victimas da violencia d'aquella nação europea.

O guano foi diminuindo pouco a pouco.

O governo do Perú lançou mão do trabalho dos chins, reduzidos nas guaneiras, a verdadeiros galés e na realidade escravizados nas estancias e nas fazendas de assucar. Esse trafico de escravos amarellos era feito por umas casas americanas e quasi sem-

pre sob a bandeira estrellada que protegia a escravidão asiatica, já no Perú, já em Cuba. O porto de sahida desses desgraçados era Macáo. O governo portuguez começou a se impressionar com o escandalo e o relatório que Eça de Queiroz, Consul de Portugal na Havana, apresentou ao governo demonstrando as monstruosidades comettidas contra os chins, apressou talvez o fechamento do porto de Macáo á emigração chinesa. Os americanos estabelecidos no Perú e ligados aos agricultores peruanos, enfureceram-se com a suppressão do trafico amarello e foi então que esses americanos organisaram uma das mais hediondas empresas de pirataria de que ha noticia. Armaram um grande navio, sahiram mar fóra e demandaram o pequeno grupo de ilhas perdido no Oceano Pacifico conhecido pelo nome de ilha da Paschoa e que hoje foi annexada pelo Chile. Essas ilhas, celebres pelos estranhos monumentos graniticos que lá deixou uma raça desaparecida, pelos vultos collosaes de pedra esculpida plantadas nas encostas das montanhas, por uma civilização ignota, eram povoadas de polyne-

sios, raça suave e inoffensiva, de uma innocencia paradisiaca, que o contagio exterminador do homem civilisado ainda não victimára. Os fibusteiros americanos e peruanos desembarcaram na ilha, mataram as creanças, os velhos, e quasi todas as mulheres e acorrentaram e algemaram os homens validos que, atirados ao porão do navio, foram trazidos para o Perú como escravos. Quando a noticia deste horrivel attentado echoou na Europa, o governo inglez commoveu-se e ordenou ao ministro de Inglaterra em Lima que informasse sobre o assumpto. Verificada a exactidão da noticia, o governo inglez exigiu inexoravelmente que os infelizes escravizados lhe fossem entregues e os americanos e peruanos, deante da pressão da Inglaterra, tiveram de ceder. Recolhidos a bordo de um navio de guerra inglez, os desgraçados que tinham escapo á ferocidade americana, foram restituidos ás suas ilhas, devendo sua salvação ao espirito christão da Inglaterra, ás sociedades humanitarias composta de burguezes, de mulheres religiosas e de curas de aldêa, que n'aquelle paiz, que é o mais poderoso e livre do

mundo, têm bastante influencia para mover a imprensa, a opinião e o governo em favor de uns miseros selvagens, perseguidos a milhares de leguas de distancia.

Era esta e originava factos desta ordem a situação politica e financeira do Perú, sob o influxo americano, quando houve a guerra com o Chile. Depois da utilização das guaneiras que estavam quasi esgotadas, no extremo sul do paiz e na costa boliviana descobriram-se, ou antes, começaram a ser utilizados, os chamados campos de nitrato de soda, isto é, grande e espessas camadas dessa substancia provindas parece que de feldspathos decompostos pela acção das aguas thermaes e sepultados hoje nos areaes do deserto de Atacama. Esses nitratos são, como o guano, adubos de grande valor para as terras. Assim, aquella região de absoluta aridez, começou a dar a terras distantes, fertilidade que ella mesma não tinha. Affluiram para Atacama os grandes capitaes e as grandes energias dos chilenos. A concurrencia foi fatal a peruanos e a bolivianos. O Chile foi logo senhor da industria dos nitratos. Começaram as auto-

ridades bolivianas a vexar por todas as formas fiscaes e administrativas os chilenos. D'ahi incidentes diplomaticos, conflictos, questões e, por fim, a guerra.

N'essa guerra havia, de um lado—o pequeno exercito chileno triplicado pelo numero de voluntarios civis. Da outro, havia dous exercitos desmoralizados por longos annos de intervenções na politica, desorganizados pelos pronunciamentos, desprestigiados pelas confraternisações, aviltados pelas traições e pelas falsidades que são a sorte commum da vida de todo o exercito que se mette em politica. A victoria, ardua, gloriosa nas suas difficuldades, terrivel nos seus effeitos, co-roou a energia da administração chilena. A guerra estava a findar quando se deu a celebre intervenção Norte-Americana, episodio curiosissimo da historia da America do Sul.

O ministro americano Hurlbuth era o legitimo representante dos interesses fundidos das casas americanas e dos politicos peruanos nos escandalos da exploração do guano e dos mil negocios que, a sombra da diplomacia norte-americana, tinham já arruinado o Perú. A victoria chilena era a des-

organisação de toda aquella federação de interesses e de corrupção. Era Presidente dos Estados Unidos o general Garfield e chefe do gabinete ou Secretario de Estado o famoso James C. Blaine.

Singular e estranha personalidade era a d'este quasi grande homem! Havia n'elle como que um ultimo alento do sopro heroico dos tempos da independencia e da grandeza intellectual dos estatistas americanos. Elle era uma especie de Governo Morris, de Hamilton, de Clay, de Webster ou de Seward, mas era incompleto, era desigual e desequilibrado. Faltava-lhe a grandeza moral d'aquelles vultos ou talvez simplesmente a sua estrella. Na audacia, na vastidão dos seus projectos, era de um arrojo quasi genial. Na execução, os seus meios são fracos, as suas hesitações são longas, os seus recursos pareciam poucos, os seus alliados são ignobeis, seus motivos dir-se-hião pessoas e mesquinhos, talvez immoraes; a sua politica era tortuosa e a *mise en scène*, embora espectacular, nunca deu-lhe, aos olhos dos seus compatriotas, senão esse prestigio incompleto—que sempre lhe bastou para

dar-lhe a audacia dos grandes intuitos sem comtudo garantir-lhes o successo. A razão de tudo isto era, quem sabe, se simplesmente a differença que ha entre o tempo dos grandes homens a quem Blaine succedeu na politica e a degenerescencia da antiga tradição dos velhos estadistas americanos.

Os paes da patria americana, os fundadores da constituição, viveram n'um periodo historico de pureza moral, em tempos de patriotismo e de abnegação. Blaine floresceu no imperio do industrialismo e da finança, na expansão de todos os despotismos do monopolio e de todas as corrupções da plutocracia. Não é uma simples banalidade a velha proposição de Montesquieu de que as republicas precisam ter com o fundamento a virtude. Esse foi o fundamento da republica norte-americana. Será inviavel e uma fonte perenne de males, qualquer outra republica que não tiver o seu berço banhado na atmospheria da virtude civica. As sociedades politicas e as formas de governo precisam de nascer puras por ter a vida longa e prospera. Os organismos politicos são como os organismos animaes e vegetaes; quanto mais

perfeitos nascem e quanto mais robusta é a sua infancia, mais garantias apresentam de duração.

Nunca se vio uma republica nascer disforme para a vida da violencia, do crime, da discordia, da corrupção e do erro para d'ahi se adiantar até á virtude, á paz e á verdade.

Imaginará alguém por ventura a republica romana nascendo com Sylla e Catilina e acabando em Fabricio e Cincinnato? A crença universal sempre attribuiu á humanidade em seu apparecimento a frescura de todas as forças vivas e sempre vio nella como em todas as cousas, um lento caminhar para o deperecimento.

A podridão é o proprio dos tumulos e não dos berços. O que ha esperar de uma existencia humana cuja infancia não tiver sido innocente?

Querer justificar a corrupção e o crime quando apparecem por assim dizer identificados e comsubstanciados com uma republica que começa, dizendo que tudo isto é proprio das instituições novas, é falsear a verdade historica. Não; o nascer das repu-

blicas se não fôr rodeado do perfume da abnegação, se não fumegarem em roda do seu berço o incenso puro e a myrrha incorruptivel do sacrificio e do patriotismo, não promette e não dará nunca no futuro senão crimes e desgraças.

A republica norte-americana não teve a sua infancia corroida pela corrupção nem a sua puericia se passou no jogos sangrentos das guerras civis. Era ella já quasi secular quando o seu solo foi regado pelo sangue de seus filhos e os vicios contra os quaes luctam hoje os patriotos, as faltas que lhe apontam os pensadores, são vicios de hoje, faltas actuaes, que não se podem justificar no exemplo dos antepassados. A licção da historia da independencia e os exemplos das gerações extinctas são espeelho de virtude.

Blaine foi e tinha que ser o estadista da sua epocha.

Tinha bella presença, a sua voz era insinuante, o seu olhar era agudissimo, o seu sorriso era cheio de finura. Foi chamado o homem magnetico. Era um grande orador e um escriptor de raça. A sua illustração

era vasta em assumptos da politica, deficiente no resto dos conhecimentos humanos, mas o seu talento suppria tudo. Fez-se grande e subiu por si. Os seus adversarios attribuiam-lhe grande numero de capitulações de consciencia com os interesses de grandes financeiros e a sua pobreza sabida era um pouco contradictoria com o luxo de sua vida, com o seu bello palacio de Washington, com os vastos salões, cheios de objectos de arte e de retratos bustos, estatuas, medalhas, quadros, gravuras e mil outras recordações de Napoleão, heróe da especial admiração de Blaine. O estadista republicano tinha idéas dominadoras e o temperamento cesariano. De todas as paredes da casa de Blaine, o olhar profundo de Bonaparte cravava-se nos visitantes. Napoleão não terminara a conquista da Europa e nos abysmos do seus pensamentos estava a ambição de dominar o Oriente e a Asia. Blaine via na politica mais no que a arte do ganhar eleições; o seu talento de orador suspirava talvez por um theatro igual ao theatro em que representam os Gladstone e os Salisbury. Debaxo das ogivas de Westmin-

ster, a palavra da eloquencia pôde decidir da sorte de um povo. Nas estreitas do systema presidencial, o presidente pôde ser um incapaz, um incompetente teimoso, armado de immenso poder contra o qual são inuteis todos os esforços do talento. Blaine sentia-se afogado n'aquelle meio e toda a sua imaginação volvia-se para a politica exterior. Na politica interior elle foi o 'lisongeiro por excellencia do espirito de dominação americana sobre todo o continente. Elle imaginava a aguia americana pairando, de polo a polo, com as azas poderosas expandidas. A aguia symbolica elle não a via protegendo os fracos com a sua sombra, como acredita a ingenuidade de alguns sul-americanos. Elle queria que ella dominasse, que o seu olhar perscrutasse as solidões geladas do pólo, os valles profundos dos Andes, as planuras do Amazonas, a vastidão dos pampas e o infinito dos mares. Elle queria que o bico adunco d'aquelle passaro apocalyp-tico rasgasse os inimigos e que as garras collossaes se apoderassem de todo o continente de Colombo. Blaine no poder, era uma ameaça para toda a America.

Quando chegava ao seu termo a guerra do Pacifico, Blaine era secretario de Garfield e Blaine teve uma occasião de tentar fazer prevalecer a politica que elle mesmo chamou a politica imperial dos Estado Unidos.

O presidente Hayes, embora tivesse sido derrotado pelos eleitores, acabava de exercer o seu mandato usurpado, occupando illegalmente a cadeira de Presidente em que collocára um voto fraudulento do Supremo Tribunal encarregado da apuração eleitoral. O patriotismo de seu competidor, o presidente eleito, Tilden, preferio deixar o usurpador na suprema magistratura a abrir um conflicto que levaria, com certeza, o paiz e uma nova guerra civil. O general Garfield, apenas eleito, confiou a direcção da politica internacional a Blaine e a attenção deste volveu-se logo para a lucta entre o Chile, o Perú e a Bolivia.

A primeira destas nações estava em vespers de colher o fructo das suas arduas victorias, impondo aos vencidos uma paz garantidora dos interesses, da tranquillidade e da segurança do Chile no presente e no futuro. Começaram a se agitar no Perú

e em New-York os interessados americanos, socios de peruanos e bolivianos nas concessões de guanos e na extracção dos nitratos. A consagração da victoria chilena era o fim definitivo do regimen das concessões, dos privilegios e dos mil abusos, tão uteis aos americanos, na desordem financeira do Perú e da Bolivia. O ministro americano Hurlbuth, em Lima, o seus collegas generaes Adams, em La Paz, e Kilpatrick em Santiago, entraram na combinação. Era preciso uma intervenção dos Estados Unidos em favor dos vencidos, e contra o Chile, e em beneficio directo dos especuladores americanos e seus socios.

Já dissemos que, por occasião da guerra do Paraguay, os ministros americanos Washburu e general Mac Mahon constituiram-se os defensores acerrimos de Lopes, foram seus commensaes, testemunhas, e pelo silencio cumplices, das suas horriveis atrocidades. Illudido pelas noticias dos seus diplomatas, o governo de Washington considerou Lopes, por muito tempo, como a victima sympathica do barbaro exercito alliado. Foi preciso que o illustre corenel Von Versen,

que ha pouco morreu general do exercito allemão e ajudante de ordens do Imperador Guilherme II, foi preciso que este europeu, um dos prisioneiros de Lopes que mais soffreu da sua tyrannia, fosse libertado depois de Lomas Valentinias pelo Marquez de Caxias e, indo aos Estados Unidos, escrevesse a verdade sobre Lopes, para desfazer no espirito de governo de Washington a indisposição que, contra o Brazil, tinham creado a falsidade das informações diplomaticas. O governo americano esteve até em termos de mandar uma esquadra á America do Sul para proteger a Lopes.

Em relação ao Chile, deu-se a mesma cousa. O governo americano quiz arrancar ao Chile o resultado das suas victorias. As informações dos ministros americanos no Pacifico medraram depressa no animo de Blaine, sempre disposto á politica da intervenção, de arrogancia e de quasi despotismo em relação aos outros paizes da America. Os especuladores do guano e dos nitratos fallaram-lhe de grandes lucros para o commercio americano e, entre a administração americana e os especuladores, houve

accordos, combinações e arranjos muito suspeitos. Em resultado disto tudo, Blaine, despachou para o Chile, como medianeiro de paz, Mr. Trescott que levava como seu secretario, Mr. Walker Blaine, filho do Secretario de Estado. O enviado extraordinario, em missão especial, levava instrucções de proteger a todo transe os interesses dos homens dos guanos e dos nitratos e ordem para, esgotados os meios suasorios e de conciliação destinados o apressar a paz, dar um ultimatum ao Chile, impondo-lhe dentro de certo prazo a retirada das suas tropas do territorio do Perú e da Bolivia. Era a mais brutal intervenção, a mais injustificavel das prepotencias.

Mr. Trescott, em Lima e em Santiago, tinha-se posto de accordo com o ministro de França e sua acção contra o Chile devia ser conjuncta com a da diplomacia franceza. Era interessada nesta questão dos guanos uma grande casa judia, os Dreyfus, de Pariz, de quem fôra advogado, o então presidente da Republica Franceza, que os jornaes republicanos, nesse tempo, chamavão ainda o integro Grévy, alguns annos

antes do processo em que ficou provado que o seu genro Wilson tinha no palacio do presidente, agencia montada de venda de empregos e condecorações.

Onde estavas ó doutrina de Monröe!? As duas grandes republicas do mundo achavam-se reunidas n'um esforço commum em razão dos interesses pessoaes dos seus chefes. Os Estados Unidos, que são contra a ingerencia européa em negocios americanos, associaram-se a uma nação européa contra uma nobre Republica sul americana n'uma empreza de verdadeira extorsão

N'este interim, n'uma estação de caminho de ferro, em Washington, ao lado de Blaine, cahia assassinado pelo fanatico Guiteau o presidente dos Estados Unidos o general Garfield. Em menos de vinte annos, dous presidentes dos Estados Unido eram assim trucidados: Lincoln e Garfield.

O presidente assassinado foi substituido pelo vice presidente Arthur. Diz-se que os principes herdeiros são em geral os chefes da opposição. Nas republicas, o vice-presidente é o inimigo natural do presidente effectivo, Quem é segundo é sempre contra quem

é primeiro. Nas republicas sul americanas, o vice presidente acaba, quasi sempre, conspirando contra o presidente, muitas vezes depondo-o, a menos que, mais promptamente, o presidente em exercicio não supprima por qualquer fórma o seu rival. Nos Estados Unidos, as cousas não chegam a este ponto mas os vice-presidentes que têm assumido o governo têm feito sempre o contrario dos seus antecessores. A subida de Arthur foi um grande golpe para Blaine e para a sua politica. Emquanto o diplomata Trescott achava-se no Chile, foram pouco a pouco transpirando na liberrima imprensa americana, imprensa que atravessou mais de um seculo sem a menor coerção, imprensa que, mesmo durante a tremenda guerra civil, não soffreu péas nem restricções,—as noticias vagas a principio e depois affirmativas e positivas do conluio de Garfield, de Blaine, e dos negociantes de New York contra o Chile. Achava-se reunido o Congresso e nos Estados Unidos, o governo não ousa sonegar documentos nem esclarecimentos de certa ordem ao poder legislativo. A commissão dos negocios estrangeiros, da Casa dos Re-

presentantes, occupou-se da missão Trescott e, n'uma reunião, levantou-se o deputado democrata Perry Belmont que, com provas nas mãos, demonstrou a iniquidade e a vergonha do governo americano ir ser o procurador dos especuladores peruanos e americanos, junto ao Chile. A impressão foi immensa nos Estados Unidos. O governo chileno, com uma audacia extraordinaria, mandou apparellhar os seus encouraçados, empenhados nas guerra contra o Perú, a espera do ultimatum de Mr. Trescott. Viesse esse ultimatum e os navios de guerra chilenos partiriam para São Francisco para vingar a affronta. O presidente Arthur, porém, pôz um termo ao grande escandalo. Despediu Blaine do poder e substituiu-o pelo sr. Frelinghuysen. Este telegraphou logo a Trescott dizendo-lhe que se retirasse do Chile e teve a franqueza de dar ao ministro chileno em Washington uma copia das instrucções de Blaine a Mr. Trescott. Deu-se então um incidente de um comico singular. O ministro dos negocios estrangeiros do Chile perguntou a Mr. Trescott se era verdade que elle tinha ordem de apresentar-lhe

um ultimatum. Trescott negou a pés junctos. Então o ministro chileno mostrou-lhe a copia das proprias instrucções dadas a Trescott. Desmoronou-se tudo e assim terminou, no opprobrio e na vergonha, a orgulhosa embaixada que os Estados Unidos mandaram ao Pacifico!

Blaine porém e o espirito de intrusão e de prepotencia diplomatica que existe em certos meios americanos, tiveram, annos de pois, a sua desforra. Rompera a guerra civil no Chile e Blaine achava-se de novo na Secretaria de Estado servindo desta vez com o presidente Harrison, que mais tarde tambem o despedio. Os homens de grande superioridade intellectual são, nas republicas, pouco compatíveis com a mediocridade dos circulos governamentaes. Desde o começo da guerra civil chilena, o ministro americano Patrick Egan, anarchista irlandez de máo nome, declarou-se em favor dos insurgentes, protegendo-os por todos os modos com quebra manifesta dos seus deveres. Como é sabido, os principaes chefes da revolução eram os homem mais ricos do Chile, grandes capitalistas, industriaes e banqueiros opulentos.

Esta circumstancia explica talvez a singular attitude da legação americana. Derrotado e aniquilado o partido de Balmaceda, houve reclamações americanas já por prejuizos soffridos já por desacatos feitos a marinheiros americanos. O novo governo chileno, ainda em lucta com mil difficuldades, pediu um prazo. A resposta que lhe deu o governo americano foi a ordem a esquadra de mandar alguns encouraçados a Valparaiso e um insolentissimo ultimatum. O governo chileno teve que ceder. Blaine tirou a sua desforra e mais uma vez o governo de Washington humilhou uma republica sul americana.

Temos visto que não ha paiz latino-americano que não tenha soffrido as insolencias e as vezes a rapinagem dos Estados Unidos. Para terminar, lembraremos o facto da corveta americana *Waterwitch* forçando o alto Paraná, fazendo violencia á soberania do Paraguay e só retrocedendo depois que fez fogo contra ella o forte paraguay de Itapirú.

Não ha nação latino-americana que não tenha soffrido das suas relações com os Estados Unidos.

Demonstrado isto, voltemos de novo a fallar do que têm sido as relações entre o Brazil e os Estados Unidos.

II

Já mostramos, de passagem, a frieza com que no seculo passado Jefferson acolheu a idéa da independencia do Brazil, e o procedimento indigno do governo de Washington denunciando ao governo portuguez os emissarios dos revoltosos de Pernambuco em 1817. Vimos a demora no reconhecimento da nossa independencia, vimos o ministro Raguet fazendo causa commum com a violencia do governo de Carlos X contra o Brazil em 1828 e, de passagem, alludimos ás intrigas americanas em favor de Lopes e contra o Brazil, a Republica Argentina e o Uruguay.

N'esse conflictos porém o amor proprio brasileiro sempre sahio vencedor porque de um lado estava a integridade dos nossos

homens de Estado e de outro a diplomacia fribusteira e gananciosa dos Estados Unidos. O ministro americano Washburn, que tanto intrigou contra o Brazil no acampamento paraguayo, acabou trahindo o seu amigo Lopes que lhe entregou avultada quantia para depositar na Europa, quantia que Washburn guardou para si, segundo diziam depois Madame Lynch e os filhos de Lopes. E quando Washburn deixou o seu posto, teve uma conferencia com o general em chefe do exercito alliado, o Marquez de Caxias, a quem disse cynicamente que, em troco de uma grande quantia, faria com que Lopes acceitasse a paz nas condições que o Brazil queria. Nos archivos do ministerio da guerra, no Rio de Janeiro, ha uma confidencial do Marquez de Caxias expondo o facto.

Não foi só pela corrupção que a diplomacia norte americana se distinguio. Falamos já da violação do territorio maritimo do Brazil por um navio de guerra americano. Vejamos as particularidades do facto.

No mez de Outubro de 1864, o vapor confederado *Florida* e o navio federal

Wachusset achavam-se ancorados no porto da Bahia. O primeiro desses navios que tinha entrado no porto para concertar as suas avarias e para tomar viveres, recebeu a ordem, que executou, de se collocar ao lado da corveta brasileira *Dona Januaria*. Na manhã do dia 7 de Outubro, o navio federal americano deixou o seu ancoradouro e approximou-se do *Florida*. Ao passar pela prôa da corveta brasileira, recebeu ordem de voltar para o seu ancoradouro. Esta ordem foi desobedecida e, momentos depois, ouviam-se tiros trocados entre os dous navios americanos. O commandante brasileiro mandou um official a bordo do *Wachusset* e o commandante deste vaso de guerra prometteu ao official nada tentar contra o *Florida*. Faltando indignamente á sua promessa, o commandante americano tomou repentinamente a reboque o *Florida* e foi sahindo com elle fóra do porto sem dar tempo ao navio brasileiro que, confiára na palavra de um militar, de obstar a attentado. O que augmenta ainda a revoltante deslealdade é que o consul americano na Bahia tinha dado sua palavra de honra ás

auctoridades brazileiras de que o *Wachusset* respeitaria a neutralidade do territorio do Brazil e, na occasião em que o attentado foi commettido, o consul estava a bordo do *Wachusset*. O commandante do *Florida*, confiando na neutralidade do Brazil e na palavra do commandante americano, tinha deixado desembarcar quasi toda a sua marinhagem e, aproveitando-se d'isso, o *Wachusset* traiçoeiramente o atacou.

O governo de Washington deu todas as satisfações possiveis ao Brazil mas cometteu a indelicadeza final de mandar pôr a pique o *Florida* no porto de Hampton Roads para não entregal-o ao Brazil e depois, disse officialmente, que um incidente imprevisto tinha causado a perda do *Florida*.

Era ministro americano no Rio, por esse tempo, o general Webb que se celebrou pelo facto seguinte: Em seguida a uma reclamação americana a proposito do brigue *Carolina*, o governo brazileiro entendeu indemnizar os prejudicados, cidadãos americanos, e, feita a avaliação do damno soffrido, a quantia equivalente, quantia avultada (£ 20.000) foi entregue ao ministro Webb

para transmittil-a aos interessados. Dous ou trez annos depois, repete o governo americano a sua reclamação. O governo brasileiro disse que já tinha feito o pagamento havia muito tempo e exhibio o recibo assignado pelo diplomata Webb. O governo de Washington calou-se. O general Webb tinha guardado o dinheiro para si.

Nos paizes sul americanos, e alguns ha onde, apezar das revoluções, os cargos de ministro são occupados por homens instruidos e conhecedores da historia diplomatica, ha uma grande prevenção contra a politica absorvente, invasora e tyrannica da diplomacia norte americana. A ultima vez que foi ministro de negocios estrangeiros do Brazil o Visconde de Abaeté, este estadista teve noticia de que se tramava em New York uma expedição de flibusteiros contra o Pará e o Amazonas e, se a legação brasileira em Washington não contrariasse activamente a conspiração, talvez chegasse a se reproduzir no valle do Amazonas um novo attentado igual ao da expedição do pirata Walker contra a America Central. Isto é tanto mais de crer, quanto não são mysterio para nin-

guem as vistas dos americanos sobre o grande rio Sul americano. O general Grant, n'um discurso pronunciado em 1883, n'uma recepção ao general mexicano Porfirio Dias, chegou a dizer que os Estados Unidos necessitavam de trez cousas somente porque o resto tudo o tinham no seu paiz. As tres cousas eram, café, assucar e borracha. E o general disse: *Seja como fôr*, havemos de ter café, assucar e borracha.

O general accentuou bem a phrase *Seja como fôr (by any means)* e no Mexico esta phrase foi tomada quasi como uma ameaça.

O problema do assucar estava resolvido pela absorpção das ilhas Hawaii que, embora não admittidas na União americana, estão, para todos os fins practicos, como que annexadas aos Estados Unidos;

O café, julgava o general Grant que viria com o Mexico;

A borracha, para tel-a, é preciso ter o Amazonas.

No Hawaii a usurpação americana foi simples e rapida. A raça indigena, isto é perto de um milhão de habitantes, raça que tem a brandura de indole propria de todo

os polynesios, havia perto de um seculo que ia sendo educada por missionarios de varias nações e tinha chegado já um gráo de civilisação que lhe permittia o ter constituído um governo regular. Ha no archipelago uns 500 americanos e uns seis ou oito mil portuguezes. Pois bem, os americanos, auxiliados por um vaso de guerra do seu paiz, expelliram do governo os indigenas, e, fazendo desembarcar tropa, tomaram conta de todo o paiz, excluindo inteiramente os hawaiianos de toda a administração de sua terra. Embora o Congresso de Washington não quizesse depois a annexação do Hawaii, ficou aquelle paiz sempre governado pelos americanos. Esta grande e clamorosa iniquidade, este abuso da força, não encontra justificativa.

Os empregados publicos e jornalistas officiaes e officiosos que escrevem no Brazil, dizem-se muito entusiasmados pela amizade dos Estados Unidos e facilmente conseguirão talvez illudir a boa fé dos brazileiros.

A politica internacional dos Estados Unidos é egoistica, arrogante ás vezes, outras vezes submissa, segundo os interesses da

ocasião. E, em todo o caso, ella nunca se deixa guiar por sentimentalismos de fórma de governo.

Durante a guerra franco-prussiana, depois do 4 de Setembro, isto é depois da proclamação da Republica, quando a França continuava a arcar com o inimigo allemão, os Estados Unidos manifestaram por todas as formas as suas sympathias pelo imperio teutonico contra a republica latina. A realza e a aristocracia europeas têm um immenso prestigio nos Estados Unidos. Toda a ambição da enorme colonia americana na Europa é approximar-se das côrtes. Não ha familia americana de alguma fortuna que não tenha, nos seus pratos ou nas suas colheres, algum brazão, um motte nobiliarchico, um elmo ou qualquer outra cousa heraldica. E' com desvanecimento que ellas querem, a força, ligar os seus appellidos obscuros aos nomes fidalgos do Reino Unido, pretendendo sempre descender da nobreza. O livro da nobreza Ingleza *Burke's Peerage and Baronetage* é sabido de cór pelas senhoras americanas, cuja maior ambição é sempre casar com fidalgos europeos,

ir viver na Europa, deixando o velho Uncle Sam, lá do outro lado do Atlantico, a mascar o seu tabaco.

Essa tendencia admirativa em relação a todos os *ouropéis da realeza* provem, decerto de que, a muitos respeitos, os Estados Unidos são ainda uma colonia. A civilisação vem-lhe da Europa e porisso o americano, desde o mais rude até ao homem mais eminente, pergunta sempre ao estrangeiro: Então o que acha deste paiz? Tal qual como o *parvenu* enriquecido gosta de mostrar a sua casa, os seus carros, ao homem de boa sociedade e, dando a beber ao *gentleman* elegante os seus vinhos preciosos, pergunta-lhe com insistencia: Então Que tal acha?

Ora, as americanas entendem que o fidalgo é mais competente em materia de elegancia e de apuro social do que qualquer outro individuo. D'ahi a preferencia das americanas pelas nações aristocraticas de Europa. Isto quanto aos individuos. Quanto ao Governo, tambem não ha duvida que os Estados Unidos são mais amigos de In-

Inglaterra e da Allemanha apezar da França ser republica.

E esta preferencia pela Allemanha, por parte do governo americano, chegou até á brutalidade por occasião da guerra franco-prussiana. O ministro americano em Berlim, Bancroft, homem illustre por seu saber, o que é rarissimo entre a diplomacia americana que é ordinariamente a escoria da politicagem, privava com o Imperador Guilherme e com Bismarck e a sua attitude foi sem generosidade e sem tacto. Acompanhou o rei da Prussia em campanha e os seus despachos para Washington, publicados pouco depois, erão insultuosos para a França. Gyrando ao redor das negociações de armisticios e da paz foi sempre um servidor zeloso da Allemanha. O general americano Sheridan julgou-se talvez muito honrado com ser admittido como ajudante de ordens do principe Frederico Carlos e tomou parte em toda a campanha prestando bons serviços ao exercito allemão. Sheridan era um americano notavel, um illustre general, e com elle serviram contra a republica franceza grande numero de officiaes

norte americanos. E o general Grant? Esse, era presidente dos Estados Unidos e na sua mensagem de abertura do Congresso Americano em 1870, felicitou a Allemanha pelas suas victorias e mostrou-se jubiloso com a derrota da França. Esta inqualificavel grosseria, esta quebra dos usos da mais comensinua urbanidade entre as nações, esta falta de generosidade, envergonharia de certo a sombra dos grandes homens que fundaram os Estados Unidos, que fizeram a sua independencia com auxilio da França, e que juncto aos muros de Yorktown, foram os companheiros de Lafayette e de Rochambeau. Quando, annos depois, o general Grant fez uma viagem ao redor do mundo, quiz, em Pariz, apartar-se um pouco do que aconselha o Boedeker, guia dos viajantes, e desejou ver Victor Hugo. Sem duvida havia chegado aos ouvidos de Grant o nome do poeta das *Orientaes* embora, ignorante como era o general, decerto nunca tivesse lido um só verso do vate immortal. Mandou pedir uma audiencia. Foi terrivel a colera do velho Hugo. Em termos violentos, disse ao enviado de Grant, que nunca recebe-

ria semelhante miseravel alarve (*un tel goujat*). Este episodio da vida de Victor Hugo é bem differente da convivencia do Imperador do Brazil com o auctor de *Notre Dame de Paris*.

Annos mais tarde, fallecendo nos Estados Unidos o chefe socialista allemão Lasker o o Congresso de Washington, no mesmo anno em que era enforcados e presos os socialistas de Chicago, mandou um mensagem de pezames pela morte de Lasker, ao Reichstag allemão e nesse mensagem elogiavam-se as ideas e os serviços do socialista. O Congresso achava muito bons na Allemanha os mesmos principios que o governo americano perseguia no seu territorio.

O governo allemão devolveu a mensagem extranhando-a, o que não deixou de envergonhar os seus auctores. Por essa epocha, havia o celebre conflicto entre os Estados Unidos e a Allemanha, porque esta recusava receber a carne de porco infeccionada de trichina que lhe vinha da America, e Bismarck declarou que não tractaria mais com um tal Mr. Sargent ministro americano em Berlim, que se tinha mostrado incorrec-

to e inconveniente. A moralidade de tudo isto é que a subserviência do governo americano á Allemanha em 1870-1871 não conquistou a estima do governo do Imperador Guilherme.

Não foi somente n'aquelle epocha que houve americanos entusiastas pelo vencedor e pelo mais forte. Na guerra de China, em 1860, uma corveta americana, neutra, pois a expedição contra a China era anglo-franceza, estava ancorada no Pei-ho, quando houve combate entre os belligerantes. Inesperadamente, sem motivo nem aviso, a corveta neutra rompeu o fogo contra os chins. Esta deslealdade não teve outro motivo se não desejo de figurar, foi um *sport*. E' verdade que, com chins não fazem os americanos grandes ceremonias. Os pobres chins são lynchados nos Estados Unidos sem nenhuma forma de processo sendo até ás vezes queimados vivos. Nem com elles ha respeito pela fé internacioal. Os Estados Unidos obtiveram de China um tractado de amizade, commercio e navegação em virtude do qual era livre a entrada e sahida dos chins e dos americanos, reciprocamente,

nos dous paizes. Pois, não obstante a solemnidade desse compromisso nacional, o Congresso americano votou uma lei prohibindo a entrada dos chins nos Estados Unidos. Não teria mais audacia na quebra da palavra da nação, a mais machiavelica chancellaria carunchosa da Europa decrepita.

A historia dos tractados dos Estados Unidos com os paizes do Extremo-Oriente está cheia de imposições violentas, de trapacas e de actos de má fé. Assim foi no Japão a quem os Estados Unidos extorquiram um tractado, assim foi nas ilhas Samoa onde tomaram aos indigenas, alias civilisados, a ilha de Tutuila. Assim foi em Sião e em Madagascar, paizes onde a industria americana quer introduzir os seus productos de fancaria, falsificando as marcas, e, a despeito das convenções internacionaes, rotulando, como inglezes, os seus algodões inferiores e outros productos de manufactura disfarçados fraudulentamente.

Tractados de commercio! Eis ahi a grande ambição norte americana, ambição que não é propriamente do povo mas sim da classe plutocratica, do mundo dos monopo-

lisadores que, não contentes com o mercado interno de que elles têm o monopólio contra o estrangeiro, em virtude das tarifas prohibitivas nas alfandegas, em detrimento do pobre que se vê privado de grande beneficio que a concorrência universal lhe traria com o forçado abaixamento dos preços. Esta classe plutocratica governa o povo americano com muito mais rigor e tyrannia do que o Czar da Russia emprega na suprema direcção de seu povo. Ella suga a seiva americana, e, practicamente, pelo poder do ouro, tem privilegios reaes e positivos muito maiores do que os da nobreza e do clero na Europa, nos tempos passados. O millionocracia domina os caminhos de ferro, as docas, as fabricas e, das sobras dos seus proventos, tira com que governar, e subsidiar e converter em seus servos obediétes todos os políticos dos Estados Unidos, paiz unico na historia do mundo em que a simples designação de *politico* (*politician*) tornou-se, com muita e muita razão, uma verdadeira injuria.

Os plutocratas americanos não se satisfazem já com o mercado nacional que o pro-

proteccionismo lhes entregou. Nas suas industrias empregaram elles já capitaes enormes que exigem remuneração. Em igualdade de condições, elles não podem concorrer nos mercados do mundo com os productos manufacturados da Europa. O proteccionismo que permittio nos Estados Unidos a criação das immensas fortunas industriaes, trouxe tambem o encarecimento da vida e, com elle, a elevação dos salarios que já de si seriam mais elevados do que na Europa pela raridade relativa da mão d'obra perita e technica. (*skilled labour*) Sendo os salarios mais elevados, o custo da producção é maior do que na Europa e por isso, na concurrencia, os Estados Unidos são vencidos pelos productores europeos.

Sendo assim, a industria americana succumbe sob o pezo da sua producção exagerada. D'ahi a crise industrial, aggravada pelo desvalor de parte da moeda, a moeda de prata, porque, como já dissemos, até em materia de cunhagem de moeda, os legisladores americanos, têm querido e têm conseguido proteger os millionarios em detrimento do povo. Como conseguiriam os pro-

prietarios das grandes minas de prata vender por bom preço o seu metal, se o valor deste não se mantivesse pelas compras continuas do Thesouro Americano que adquiria barras de prata para transformal-as em moedas? Tanta moeda de prata cunhou o Thesouro Americano que rompeu o equilibrio do valor entre a moeda de prata e a moeda de ouro. A superabundancia rebaixou a prata, encareceu o ouro e o ouro emigrou para o estrangeiro. Moeda desigual e em parte depreciada, eis o que o proteccionismo produzio no systema da circulação monetaria dos Estados. A estagnação da industria proveniente do excesso da producção e da sua incapacidade para concorrer no estrangeiro com os productos europeus aggrava-se de dia em dia. Ha quinze annos, os americanos diziam que no seu paiz não havia questão social, que os tumultos operarios, as luctas e as crises provenientes das difficuldades do proletariado erão males das velhas sociedades europeas, que na livre America havia espaço, luz e comida para todos os pobres sob o regimen do trabalho. Hoje, o que é que vemos? A questão operaria é

mais terrível e mais ameaçadora nos Estados Unidos do que na Europa.

O proletariado americano tem uma organização de ataque e de defesa contra a sociedade que, na Europa, ainda não foi igualada. Parece que, na Europa, a chamada paz armada, com a consciencia do perigo que corre a propria existencia nacional em vista da hostilidade de visinhos poderosos, dá ainda a consciencia de que é necessaria a união para garantir a existencia da propria patria. Nos Estados Unidos, a questão social tem uma gravidade unica. Grande parte da massa operaria é estrangeira, estando ainda na primeira phase da existencia do immigrante, phase intermedia, na qual tendo se desprendido da patria antiga ainda não adoptou a patria nova. A massa dos immigrantes é constituida por uma verdadeira selecção d'entre os operarios dos respectivos paizes de origem. Selecção de fortes, de energicos, de resolutos pois, o simples acto de emigrar é uma próva de espirito audacioso. Quem não duvidou abandonar a patria do seu nascimento não tem escrupulos em perturbar a patria adoptiva. Por isso, nas dif-

ficuldades da lucta social, o exercito operario, nos Estados Unidos, é mais de temer do que na Europa.

A politica financeira e economica dos Estados Unidos produziu, depois de uma notavel expansão industrial, uma reacção extraordinaria. O operario hoje não tem trabalho ou quando o tem, o patrão não póde remunerar esse trabalho como n'outro tempo, embora o operario precise sempre do mesmo dinheiro porque o preço da vida não baixou.

Sem duvida, a questão operaria é de todos os paizes e o problema da riqueza e da pobreza é tão antigo como o mundo. Todas as soluções desse problema são soluções muito relativas e sempre provisórias.

A antiguidade tinha a escravidão que é um modo de dar uma certa estabilidade e organização ao proletariado coagindo-o a trabalhar e obedecer. O Christianismo acalmou as revoltas da miseria humana quando exarcebada pela pobreza, promettendo o céo e a felicidade futura e fazendo do proprio sufrimento um titulo á ventura eterna. A sociedade pagan appellava para

a força material dominando materialmente o proletario; a sociedade christan prendia-o pelas cadeias, ainda mais fortes, da esperança e da fé. O espirito moderno supprimio a escravidão e deixou de fallar no céo. O operario foi abandonado e a sciencia não encontrou ainda uma formula que substituisse a escravidão da antiguidade ou a crença na outra vida que o christianismo infundia.

No Estados Unidos, a agitação operaria é mais grave do que na Europa porque o operario não tem nenhuma das peias materiaes e não tem os incentivos moraes que em parte o dominam na Europa e de que elle se acha liberto na America.

As monarchias europeas preoccupam-se seriamente em melhorar a sorte dos operarios. As monarchias têm todo o interesse em addiar e evitar a grande crise do proletariado, porque as dynastias sabem que, na grande catastrophe social, os thronos desapareceriam. Nas republicas, não ha esse interesse de conservação que leva os governantes a querer bem governar por interesse proprio. Na republica tudo é transitorio; os homens

sabem que, quer encham o seu paiz de beneficios quer accumulem erros sobre erros e cheguem até ao crime, terão, em certo periodo, de deixar o poder e se a Republica commette faltas graves, mudam-se os homens, continuando sempre a Republica ainda que seja para repetir as faltas que se procura, em vão, reprimir com a periodicidade das revoluções. A Republica, bem que seja pessoalissima quando á influencia dos funcionarios, beneficia de uma especie de impersonalidade que a torna irresponsavel. Na gestão dos negocios e dos dinheiros publicos, a monarchia arrisca a sua propria existencia; é como que uma firma solidaria que responde com a sua pessoa e com a totalidade do seus bens. A Republica é uma Companhia anonyma de responsabilidade limitada. E conhecemos paizes onde o simples nome de Companhia é quasi synonymo de deshonestidade.

Isto faz com que as monarchias europeas, comprehendendo o perigo e o encargo da sua responsabilidade, estejam encarando de frente o problema do proletariado que, nos Estados Unidos, é desleixado pelos poderes

publicos. Na Europa ha, na velha tradição monarchica, a remota lembrança da antiga alliança da realeza com os burguezes contra os senhores feudaes que eram os oppressores dos fracos. Hoje, os oppressores são os burguezes que confiscaram em seu proveito todas as chamadas conquistas da revolução de 1789. O capitalismo semita ou não semita, goza hoje de privilegios reaes e effectivos muito mais vexatorios do que os privilegios antigos da nobreza e do clero. No antigo regimen, a nobreza pouco a pouco ia se enfraquecendo e o terceiro estado ia se fortacelecendo. Na vida moderna o capital cresce por si mesmo, cada vez mais se avoluma e é fóra de duvida que a fatalidade faz com que os ricos fiquem cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres. A fórmula republicana burgueza, como existe em França, e nos Estados Unidos é a que mais protege os abusos do capitalismo. Ha como que uma repercussão de antigas éras, nos tempos de hoje, quando vemos de um lado a ferocidade burgueza contra o proletario abroquelando-se em leis proteccionistas, em monopolios industriaes e fallando a todo o momento

em *principio da autoridade em direito da legalidade*, em *obediencia* e de outro lado vemos o representante da velhas tradições do Santo Imperio Romano e o Papa, procurando extender a mão aos operarios que afinal são a força, são o numero, são a justiça e serão o poder de amanha. O Papa e o Imperador, com a comprehensão superior que lhes dá a fé nos seus destinos, estão vendo que novos tempos de renovação social se approximam e que é preciso, na immensa Bastilha em que a burguezia revolucionaria encarcerou o proletariado, rasgar uma janella para o azul. A alliança da Igreja e do Imperio com a multidão infeliz contra a burguezia gozadora que se diz republicana ou pelo menos democratica, é o grande facto do findar deste seculo. A Allemanha preoccupa-se com a sorte dos operarios; Bismarck fez votar a celebre lei garantindo a velhice e a invalidéz do trabalhador; o Socialismo penetrou nas altas espheras do governo inglez, e elle já existe de facto na grande democracia russa consagrado em usos e instituições seculares. Ainda ha muito por fazer, mas as

grandes monarchias deram o signal e este foi principalmente o Congresso europeu que o Imperador Guilherme II forçou a se reunir em Berlim para estudar os meios de melhorar a sorte dos proletarios. O movimento está iniciado; onde elle encontra mais resistencia é em França, baluarte da burguezia republicana, e nos paizes latinos que mais ou menos se inspiram do espirito francez. A Igreja patrocina o socialismo christão e não o faz sómente por palavras. Por um instincto admiravel, o proletariado inglez comprehendeu que nada podia esperar da sua Igreja official e na grande crise de 1890, o seu arauto, o seu chefe, o juiz da sua causa, o seu paladino, foi o velho cardeal Manning, que reconciliou patrões e operarios, feito digno dos tempos heroicos da Igreja. Nos Estados Unidos e na Austrália ha a alliança tacita da Igreja e do proletariado. Vejam-se os esforços do cardeal Gibbons e de Monsenhor Ireland e admire-se como o movimento operario nos Estados Unidos ganhou em grandeza com o influxo da Igreja.

A classe dos donos de caminhos de ferro, dos monopolistas e dos industriaes que a

ferocidade do proteccionismo enriqueceu em detrimento do conforto e do bem estar do pobre, armam-se, nos Estados Unidos, de grandes recursos para a batalha suprema que têm de travar, mais dia menos dia, com o povo americano. O governo e os politicos de Washington são os representantes directamente interessados ou indirectamente subsidiados que hão de procurar por todos os meios proteger os ricos e os satisfeitos contra os famintos. Os financeiros e os monopolistas americanos votam odio a Europa porque para lá se escoou o ouro americano e porque na Europa os governos estam dando o exemplo da defesa das classes operarias. O defensor desses monopolistas, mais conhecido, é o Sr. Andrew Carnegie, um escossez prodigiosamente enriquecido nos Estados Unidos e que, no fim da vida, figura em todas as manifestações anti-européas ou antes anti-liberaes que se dão nos Estados Unidos. O Sr. Carnegie é dono de umas fundições gigantescas e autor de uns livros em que exalta o capitalismo, a felicidade de riqueza e a superioridade dos Estados Unidos, paiz que elle apresenta como o pri-

meiro do mundo. O mais conhecido dos livros do Sr. Carnegie chama-se a *Democracia triumpante*, livro ricamente impresso que na primeira pagina traz uma corôa real invertida e um sceptro quebrado para indicar a victoria da democracia. O livro é mal escripto, é insolente e, para dar uma idéa do seu modo de argumentar, diremos apenas que, querendo provar a superioridade artistica dos Estados Unidos sobre a Europa elle diz que as salas de espectáculo são maiores em Denver e em Cincinnati do que em Pariz e Londres. No mais, o Sr. Carnegie entôa um hymno entusiasta á felicidade do povo americano, cuja existencia, segundo o auctor, é um idyllio sem fim. O Sr. Carnegie falla do bem estar do operario americano, da sua casinha risonha á beira de campos sempre verdes e de aguas murmurantes e, em raptos biblicos, quasi que diz que os rios são de leite e de mel. Ora, a ser isso verdade, que paraizo não devia ser o estabelecimento industrial do Sr. Carnegie, as celebres fundições de Homestead? Pois bem! Em 1891 rompeu em Homestead uma *grève* terrivel, provocada, como depois de-

monstrou o inquerito official, pela dureza do proprietario que, do infeliz operario, exigia um horrivel maximo de trabalho a troco de um minimo ridiculo de salario. Não parou ahi o patriarchal e idyllico Sr. Carnegie. Nos Estados Unidos, a policia consente que existam grandes e poderosas agencias que se encarregam de fazer a policia por conta dos particulares e são muitas vezes empregadas em obras de vingança e de evidente criminalidade. A mais conhecida destas agencias, a agencia Pinkerton, organisou por conta de Carnegie, um verdadeiro exercito de *detectives*, armados de rewolvers e de carabinas, destinados a reprimir os operarios revoltados, verdadeiros *bravi* como os da Italia medieval ou antes capangas como diriamos no Brazil. Os Pinkertons entraram em guerra com os operarios, houve grandes tiroteios, muitas mortes, ataques por terra e por agua, assedios, uma verdadeira guerra. A imprensa indignou-se e exigiu explicações do governo, de como deixava haver no seu territorio uma verdadeira guerra sem intervir a auctoridade e verberou o escandalo de se consentir que um millionario pudesse

ter assim tropas organisadas ao seu serviço. Onde iria párar, perguntavam os jorraes, este abuso? Os Pinkertons foram algumas vezes batidos e n'outras trucidaram sem piedade os operarios que tinham a felicidade de viver na livre America, tendo como patrão o intransigente republicano Mr. Carnegie. Apezar do immenso escandalo que produziu na opinião publica americana a carnificina de Homestead, as tropas federaes e do estado respectivo mantiveram-se inertes. Quanto a Carnegie, logo aos primeiros signaes do tumulto, refugiou-se na velha, na tyrannica Europa porque, alvo do justo odio dos operarios e incurso nas leis penaes, a permanencia na tal *Democracia Triumphante* poderia ser-lhe desagradavel. Com o governo e com os tribunaes Carnegie, na sua qualidade de millionario, muito facilmente se arranjará. Não tinha sido elle o grande protector eleitoral do presidente Harrison? Com os operarios, a cousa era mais difficil e o apologista da democracia plutocratica deixou-se ficar tranquilamente na Europa.

Este episodio de Homestead, nós o mencionamos porque é typico e cheio de reve-

lações para o futuro da America republicana. O poder do millionario não encontra nos Estados Unidos nenhum correctivo efficaz nas leis ou na acção da actoridade publica. Tudo lhe é licito, tudo lhe é possível. Isto entrou tanto na consciencia nacional que os homens mais cultos do paiz, os seus escriptores, os seus sabios, os seus poetas, os seus philantropos, evitam todo contacto com a politica porque sabem que as posições politicas são dadas a homens subservientes, pelos magnatas da finança. N'outros paizes do continente, os homens de valor desdenham ser politicos porque não querem ser titeres irresponsaveis nas mãos do militarismo. Em todo o caso, o resultado é o mesmo, porque, quer tenha de ser servidor dos financeiros, quer tenha de ser o instrumento dos militares, o homem publico perde, com a sua dignidade a sua independencia. Eis ahí a situação do politico na America.

O millionario empregára até agora a arma poderosissima da corrupção. O Snr. Carnegie foi um innovador; com o dinheiro organisou uma força e com ella bateu os que perturbavam a sua industria. Isto foi talvez

um ensaio. Em pouco tempo, os millionarios e billionarios americanos organisarão exercitos. Havendo dinheiro, ha meios para se defender qualquer individuo e quem sabe se, no futuro, não haverá nos Estados Unidos guerras individuaes como as da Idade Média? A instituição dos mercenarios póde deixar de ser privilegio dos governos que, sentindo-se fracos no interior, procuram no estrangeiro braços para defendel-os e coragens e ambições para sustental-os. Em breve, haverá mercados francos de armamentos e de invenções bellicas; alugar-se-hão, por meio de agencias, capitães valentes, soldados decididos que renovarão os feitos das tropas mercenarias da Carthago ou dos suissos e lansquenets da Renascença. Quanto custa um general? Por quanto um almirante? Alugar-se-hão Themistocles por mez, Nelsons por empreitada e Napoleões a tanto por dia, com comida.

Os governos que têm chamado mercenarios, tarde ou cedo têm de se arrepender. A lealdade do mercenario é nulla e o paiz que lhes cabe defender é muita vez a sua primeira victima. O estrangeiro chamado

para, a qualquer titulo, tomar parte nas luctas nacionaes, torna-se, depois da lucta, uma calamidade. O mesmo acontecerá talvez com o capitalismo; os braços que elle tiver armado contra o proletariado se voltarão um dia contra elle. O imaginoso novelista Bellamy, que tanto tem escripto no intuito de adivinhar o que vae ser a vida das gerações futuras, no seu romance *Cæsar's Column* descreve a grande lucta armada que os pensadores vêem como inevitavel no porvir norte americano. N'esse livro, vê-se o capital omnipotente dominando exercitos e tudo vencendo á força do ouro que põe ao seu serviço todos os progressos da sciencia applicada, todos os requintes do gozo e todos os meios materiaes de destruir e subjugar as multidões. Ha contra essa longa tyrannia uma immensa revolta; o capital defende-se, a mortandade é horrivel e a sociedade americana rúe com estrondo, n'uma catastrophe absoluta. A imaginação do litterato é grande, mas a invenção de Bellamy corresponde a um secreto instincto de todos. Hoje, o industrialismo ainda tem algumas esperanças de se salvar e o povo não tem ainda a cons-

ciencia nitida da sua força. As dificuldades do presente já são portanto bastante graves para o capitalismo e a plutocracia americana procura, a todo transe, sahir das suas dificuldades e para isso volta-se para o estrangeiro. É para o estrangeiro que os politicos norte-americanos querem abrir uma valvula para o excesso da producção.

Não é só o fim de lucro monetario immediato que guía esses homens; é uma necessidade absoluta de segurança nacional. Fechados os mercados estrangeiros, como já explicamos, a produção americana terá de se retrahir e retrahida, crescerá em enorme proporção o numero de operarios desempregados que agumentarão o já tão perigoso exercito dos descontentes. Neste empenho de salvação publica, foi uma missão especial de representantes do Thesouro americano á Europa, sollicitar dos governos europeos a adopção do bimetallismo para dar sahida á quantidade de prata que tantos embarços está creando aos Estados Unidos. A Europa, na conferencia de Bruxellas, recusou attender ao pedido. Foi no mesmo intuito, de dar sahida a seus productos e de

crear-lhes vantagens especiaes nos mercados estrangeiros, que os Estados Unidos quizeram impôr tractados de reciprocidade commercial a todos os paizes da America.

Essa empreza de extorquir tractados dos paizes latino-americanos a troca da vantagens illusorias esteve confiada a Blaine quando foi elle Secretario de Estado pela segunda vez.

III

Quando o ambicioso estadista voltou ao poder em 1889, com a eleição do presidente Harrison, voltou disposto a tirar a sua desforra do descredito em que cahira em 1881 quando se descobrio a indelicadeza dos seus processos e dos seus intuitos na intervenção na lucta entre o Chile, o Perú e a Bolivia. Em 1884 elle ousára já ser candidato á presidencia da Republica e isto bastou para um grande numero de votos, do seu proprio partido, convergir para o seu adversario o candidato Cleveland que foi então eleito pela primeira vez. Em 1888 Blaine não fôra candidato, mas empregára toda a sua influencia em favor de Harrison com a condição deste entregar-lhe a Secretaria de Estado, donde

Blaine, com o seu extraordinario talento, acharia facilmente o meio de dirigir todo o paiz. Assim foi. O regimen presidencial leva a absurdos dessa ordem; um homem repellido positivamente pelas urnas, pela vontade expressa do eleitorado, basta que elle tenha por si a vontade de Presidente para que esse homem tome conta do governo e exerça-o sem haver meio algum de fazel-o sahir emquanto durar o Presidente, a não ser por uma revolução. Blaine, pois, assenhoreou-se da Secretaria do Estado.

Em 1881, um dos pontos do grande plano de Blaine fôra a reunião de um Congresso Panamericano onde, sob a egide e a protecção dos Estados Unidos, deveriam os representantes de todos os paizes da America discutir assumptos de interesse reciproco. As revelações consequentes á frustrada intervenção no Pacifico desacreditaram completamente os projectos de Blaine e, o primeiro acto do seu successor consistio em expedir aviso as nações convidadas para o Congresso dizendo-lhes que a grande reunião dos representantes de toda a America ficava indefinidamente addiada.

Blaine, voltando ao poder em 1889, trazia um plano de dupla vingança: queria humilhar o Chile e reunir o Congresso. Conseguiu as duas cousas. Teve occasião de lançar, como mostrámos, um ultimatum ao governo chileno exigindo em prazo dado satisfações e indemnisações e viu reunidos em Congresso em Washington, debaixo da sua presidencia, os representantes de todos os paizes da America.

A primeira parte do Congresso consistio em banquetes, passeiatas, recepções e festas. Os enviados da America latina, pela linguagem da imprensa, pela attitude geral do governo, ficavam logo convencidos de que só o interesse dos Estados Unidos lucrariam com o que se pretendia delles no tal Congresso. O governo americano poz em discussão trez pontos: 1.º A adopção do arbitramento obrigatorio para a solução dos conflictos internacionaes; 2.º a celebração de tractados com o governo de Washington estabelecendo uma parcial ou total e reciproca isenção de direitos de importação entre o paiz contractante e os Estados Unidos; 3.º (este apenas para encher tempo) o

estudo de um caminho de ferro dos Estados Unidos á Patagonia, ligando entre si as republicas americanas.

A questão do arbitramento não offereceu grandes difficuldades. Em materia de promessas, de tractados e de compromissos internacionaes as republicas da America não são difficeis. O *Corpus Diplomaticum* sul americano, isto é a collecção dos seus tractados, dos seus accórdos e das suas convenções, é enorme. Fazem-se, desfazem-se, esquecem-se e violam-se tractados com a maior facilidade. Quasi todas as republicas concordaram que, no futuro, decidiriam as suas questões por arbitramento. Era um accordo platonico, de bonito effeito, que parecia dar prazer a Blaine e que, em summa, a nada obrigava. O governo chileno porém foi mais correcto e sincero, e não assignou a clausula do arbitramento. O presidente do Chile, justificou esta recusa perante o Congresso do seu paiz, pronunciando as seguintes palavras :

« Foi tambem proposta e acceita por alguns representantes do Congresso de Washington a arbitragem internacional na fórma

mais compressiva e obrigatoria. Não prestamos assentimento a este projecto porque o Chile não necessita, para o exercicio da sua soberania no mundo civilisado, de outra lei que não seja a lei geral das nações. Os povos, como o nosso, que vivem do seu trabalho, e que cumprem fielmente as suas obrigações e compromissos internacionaes, terão de recorrer á arbitragem nos casos especiaes e concretos em que assim o aconselharem a justiça publica, a prudencia e o respeito reciproco dos estados soberanos; julgo, porém, que não nos será licito limitar á arbitragem a acção das gerações futuras para fazer vingar o direito. Só a ellas compete apreciar e resolver sobre os meios que a lei internacional lhes faculta para a defeza do seu direito. A restricção dos direitos do Estado, por meio da adopção obrigatoria de um processo excepcional, como é o da arbitragem, não se coaduna com a liberdade, que, em qualquer eventualidade, desejo reservar aos poderes publicos da minha patria e aos meus concidadãos.»

Esta é a linguagem de um verdadeiro homem de Estado, explicando uma resolução

das mais patrioticas e baseada na mais verdadeira comprehensão dos direitos e dos deveres internacionaes.

O Salvador, Guatemala, Hayti e São Domingos assignaram a obrigação de recorrer ao arbitramento, mas poucos mezes depois houve uma guerra mortifera entre o Salvador e Guatemala e as tropas de São Domingo e Hayti. O' fraternidade, o' lealdade americana e republicana! Na parte commercial, as republicas hispano-americanas, embora assignassem algumas das conclusões impostas pelos Estados Unidos, não se apressaram em concluir os tractados que os Estados Unidos tanto ambicionavam. O ministro do Chile nos Estados Unidos, n'um banquete que lhe foi offerecido em Chicago, teve a franqueza de declarar que, em vista das exigencias do governo norte-americano, o Chile tinha de continuar a ter só em vista a Europa e a trabalhar por estreitar cada vez mais as suas relações com o velho mundo.

A republica brazileira, então ainda na primeira das suas diversas dictaduras, foi o primeiro paiz que cedeu aos desejos dos

Estados Unidos, assignando o tractado de reciprocidade commercial que ficará conhecido na historia pelo nome de tractado Blaine—Salvador, porque os seus signatarios são aquelle estadista americano e o ministro brasileiro em Washington, Sr. Salvador de Mendonça.

Esse tractado, foi motivo para o Brazil ser prejudicado sem a minima vantagem e foi elle occasião de uma grande deslealdade por parte do governo norte-americano.

O que concederam os Estados Unidos ao Brazil por esse tratado? A isenção de direitos de importação sobre o café brasileiro e sobre alguns typos de assucar. Ora, o café já não pagava direitos nos Estados Unidos desde 1873. E porque n'aquella epocha supprimiram os Estados Unidos aquelle imposto? Não foi para obsequiar o Brazil; foi porque assim convinha aos interesses do povo americano. A tarifa aduaneira americana é proteccionista; as suas elevadas taxas não têm por fim augmentar os rendimentos do thesouro mas simplesmente proteger as industrias e as culturas nacionaes. Os Estados Unidos têm por força

de importar café, genero que não produzem. Um imposto sobre a entrada do café viria a recahir, na verdade, sobre o consumidor americano. Grande productor de café, pelas condições geographicas e pelo seu monopólio dessa producção no Occidente, o Brazil tinha fatalmente de abastecer o mercado americano. Não é uma verdadeira burla querer fazer-nos acreditar que a isenção de direitos sobre o café brasileiro é um favor feito ao Brazil? Se os Estados Unidos voltassem de novo a impôr direitos sobre o café, o Brazil nem por isso perderia o mercado americano onde não temos concurrencia. Sómente o consumidor americano pagaria mais caro aquella bebida que lhe é indispensavel. Quanto ao assucar, a isenção de direitos seria na realidade util á industria assucareira do Brazil, se esta isenção fosse concedida só ao producto brasileiro. Ora, um tractado anterior e em vigor, já dava livre entrada no territorio americano aos assucares do Hawaii, mas, apesar disso, o Brazil lucraria muito se não tivesse outro concorrente, senão aquellas ilhas, a gozar da livre entrada.

Quando em Fevereiro de 1891 foi publicado no Brazil o texto do tratado Blaine-Salvador, todo o mundo entendeu que só o Brazil beneficiaria da isenção de direitos sobre o assucar. Immediatamente depois, o *Jornal do Commercio* annunciou, em telegramma de Madrid, que o governo americano fizera aberturas á côrte da Hespanha, solicitando a celebração de um tractado em virtude do qual os assucares de Cuba e de Porto Rico entrariam nos Estados Unidos livres de direitos. Desapparecia assim para o Brazil a unica vantagem que se esperava do tractado. Postos os productos do Brazil em pé de igualdade com os das colonias hespanholas, tractada a joven republica de modo igual á velha monarchia que mantem em ferrenho jugo colonial uma parte riquissima da livre America—onde ficavam as vantagens para o Brazil, onde estava a fraternal preferencia que a grande republica devia tambem a outra republica, que, embora menor, é ainda grande? Como era possivel que o governo de Washington equiparasse no tratamento fiscal a carunchosa e antipatica monarchia da Europa

decrepita com a virente e fraternal novissima Republica da America do Sul? Não! Era impossivel. Assim pensou por certo o governo da republica brasileira que se apressou em desmentir o *Jornal* no *Diario Official*, dizendo que era falso que se estivesse tractando de um convenio commercial qualquer entre os Estados Unidos e a Hespanha. O ministro do Brazil em Washington, quando aconselhava para o Rio o tractado commercial com os Estados Unidos, affirmava que os Estados Unidos não dariam livre entrada aos assucares de nenhum outro paiz. Essa era a promessa que lhe tinha feito o governo de Washington e só a confiança n'essa promessa é que fazia com que o governo no Rio fosse tão affirmativo. O *Jornal do Commercio* insistiu, deu esclarecimentos, annunciou que o Sr. Foster ia á Hespanha tratar—tudo foi em vão. O governo manteve a sua negativa. Semanas depois era assignado o tratado! Os assucares de Porto Rico tinham livre entrada nos Estados Unidos e desaparecia assim a unica vantagem que ao Brazil poderia trazer o tratado Blaine-Salvador. E não parou ahi

o governo de Washington; fez logo outros tractados com a America Central e com a Hollanda. Venezuela tambem fez um tractado, mas o Congresso venezuelano rejeitou-o.

O governo brasileiro foi assim ludibriado pela esperteza americana. Em troca de um favor ficticio e illusorio, em seguida a uma negociação em que a má fé norte-americana tornou-se evidente, o Brazil concedeu isenção de direitos ás farinhas de trigo dos Estados-Unidos, deu igual isenção a varios outros artigos americanos e para todos os outros introduzio uma redução de 25 0/0 nas tarifas da alfandega. Esta concessão trouxe consideravel prejuizo para a renda do thesouro que já não atravessava época para tanta generosidade. E mais do que isto, ella causou damno muito grande ás industrias já estabelecidas no Brazil e em via de prosperidade. Ha uma vantagem muito grande para os paizes importadores de pão em transportar de preferencia o trigo para reduzi-lo a farinha nos mercados ou proximo dos mercados consumidores. O consumidor beneficia duplamente

por esta fórma, já porque o frete é muito menor (pois n'um volume reduzido se transporta maior quantidade de substancia alimentaria) já porque a qualidade é superior, pois o transporte por mar e o tempo facilmente alteram a farinha que até corre o risco de grande avaria, risco que ajuntado ao maior frete, é tudo computado pelo vendedor em detrimento do consumidor. Havia no Brazil muitos moinhos de moer trigo em que estavam empregados capitaes importantes e grande numero de trabalhadores. Estas empresas ficaram arruinadas, os trabalhadores sem trabalho e o consumidor lesado, desde que as farinhas americanas, pelo tractado, foram admittidas livres de direito. Não ha quem tenha esquecido os importantissimos depoimentos em que a grande maioria dos negociantes, dos industriaes e dos financeiros do Brazil, em cartas escriptas ao *Jornal do Commercio*, se manifestaram, em quasi unanimidade, contra o desastroso tractado.

Estas manifestações e estas queixas de nada valeram. Mandava quem podia e o mal estava feito, soffresse embora o povo

brazileiro, gemessem embora as nossas indústrias.

Eis ahí mais um beneficio que recebemos dos Estados Unidos.

IV

Seria um erro colossal o acreditar que nos Estados Unidos ha sympathias pelo Brazil e especialmente pela fórma de governo que lhe foi applicada ha quatro annos.

Nos Estados Unidos, a palavra—America—significa a parte do novo continente que obedece ao governo de Washington. Respeitam os americanos a soberania da Inglaterra no Canadá e, por todas as outras nações, ha, nos benevolos, uma grande indiferença e nos outros, um sentimento de accentuada superioridade que é feito de amor proprio e de desprezo pelos sul-americanos. Basta dizer que é motivo de chacota o haver paizes como o Mexico, Venezuela, Columbia e um outro que conhecemos, que têm a petulancia de se intitular *Estados Unidos*. . . . Isto parece-lhes de um comico irresistivel. Quando se falla

d'esses *United States*, ha nos labios americanos o mesmo sorriso que teria o duque de Wellington, ouvindo nomear um dos presidentes do Haity, o general Salomon que se intitulava Duque de Crique-Mouillée.

O Imperador D. Pedro II tinha grande prestigio nos Estados Unidos. O seu amor á liberdade, o seu espirito aberto a todas as novidades do seculo, a sua actividade, a singelesa da sua pessoa, impressionaram sempre os americanos que de um rei só faziam a ideia de um homem rodeado de fausto, de um defensor do passado contra o espirito innovador. Os discursos pronunciados no Senado americano, quando se discutio o reconhecimento da republica brazileira, consistiram quasi que exclusivamente, não no elogio dos vencedores, mas na exaltação das virtudes do grande vencido. O governo americano foi o ultimo, de todos os governos do novo continente, que reconheceu a Republica no Brazil e se inspirou, de certo, para essa demora, na frieza, na quasi hostilidade, com que a imprensa recebeu a revolução. Ainda ha bem pouco tempo, o correspondente do *Pais*, em New-York, reme-

morava estes factos, insistindo na pouca sympathia que os americanos manifestavam pela nova ordem de cousas no Brazil. Basta lembrar o que disseram os jornaes americanos quando, nos primeiros mezes de 1890, chegou a New-York uma esquadilha brasileira que, segundo diziam os jornaes do Rio, ia participar ao governo americano a proclamação da Republica e apresentar os cumprimentos do novo governo ao presidente dos Estados Unidos.

Com a precipitação com que foi organizada a esquadilha, esqueceram-se no Rio de que os navios não chegar a New-York em pleno inverno. O frio em 1890 foi intensissimo e os pobres marinheiros, vestidos ligeiramente, soffreram immenso. O governo americano forneceu-lhes roupas grossas e cobertas. Era de vêr como os jornaes de New-York noticiavam estes factos. Uns, descreviam os negros brasileiros chorando de frio, escondidos no porão, os navios abandonados, o convez não varrido, os officiaes com friciras nos pés, emfim, um destroço completo. Tudo isto acompanhado de dictos picantes e de uma insistencia enorme nos

favores com que o governo americano estava acudindo á miseria e á desgraça d'aquelles maltrapilhos. No mesmo anno, veio uma esquadra americana ao Rio, dizendo-se que vinha *expressamente* comprimentar o governo. O generalissimo Deodoro convidou-os para um baile; o commandante da esquadra pediu-lhe que apressasse o baile e, como houvesse alguma demora, a esquadra partiu sem sequer esperar pelo tal baile.

Dous annos depois, uma outra esquadra brazileira vae a New-York a pretexto da exposição de Chicago e do centenario de Colombo. Os officiaes brazileiros ficaram vexados da linguagem da imprensa a seu respeito e da desconsideração com que foram tractados. Sempre collocados em ultimo lugar, sempre preteridos em todas as attentões, o seu desgosto, se não faltou á verdade o correspondente do *Pais*, foi muito grande e não se occultou.

Quando houve o convite á officialidade para ir a Chicago, os officiaes brazileiros todos recusaram, declarando a um representante da imprensa, que o faziam por se acharem justamente melindrados. Não lhes

foi dada satisfação alguma, e, de volta ao Brazil, vieram de certo muito pouco inclinados a acreditar ainda na pilheria da fraternidade americana.

O ministro do Brazil em Washington, o Sr. Salvador de Mendonça tem experimentado, muitas vezes, á sua propria custa, que, nos Estados Unidos, a sua entidade de ministro dos Estados Unidos do Brazil não merece nenhum respeito por parte da imprensa. S. Exc. tem tido na sua carreira incidentes desagradaveis que a imprensa americana tem longa e maliciosamente glossado, sem ter em vista que S. Exc., na sua qualidade de republicano intransigente, historico e tudo o mais e pelo seu titulo de ministro de uma republica, devia ser tratado com mais respeito. O Sr. ministro é amador de bellas artes; tinha uma galeria de quadros todos assignados pelos maiores pintores antigos e modernos. Era uma galeria que valia muitos milhões; S. Exc. mandou-a para Pariz para ser vendida em leilão. Os peritos parisienses, encarregados da avaliação, declararam que os quadros eram todos falsos; S. Exc., em telegramma

para Pariz, disse que estava de boa fé e que tinha sido enganado. Retirou os quadros e, mais tarde, offereceu alguns delles á Academia de Bellas Artes do Rio de Janeiro que comeu por lebres primorosas todos aquelles gatos a oleo (1) Pois esta anecdotia, que é apenas um pouco comica para o nosso ministro, e que só prova que S. Exc. não entende de pintura e que foi roubado, comprando por enorme somma aquella galeria, foi decantada nos jornaes de New-York e o representante do Brazil coberto de ridiculo. Outro facto : O Sr. Salvador de Mendonça foi encarregado pelo governo de comprar uma grande quantidade de prata nos Estados Unidos. Os ministros da fazenda do Brazil têm todos, depois d'isso, pretendido que as contas não estam certas, que falta prata ou que falta dinheiro, conforme se tem visto pelas correspondencias officiaes publicadas. Que tem a imprensa americana com esta questão inteira-

(1) Todas as particularidades deste incidente acham-se na obra de Paul Eudel *L'Hotel Drouot en 1885*. Paris 1886, pag. 145.

mente brasileira? E' um ponto que deve ser ventilado entre dous altos funcionarios da Republica brasileira, entre o ministro da fazenda e o ministro diplomatico. Assim não têm pensado, porém, os jornaes americanos e varias vezes têm voltado a esta desagradavel historia da prata, publicando artigos deprimentes para o representante do Brazil. Sem duvida que o governo de Washington não pôde proteger o representante da republica irmã contra a imprensa, porque esta é livre. Mas a má vontade é evidente em toda a sociedade americana. O representante republicano do Brazil parece sentir isto, porque, seguindo o exemplo de diplomatas de outros paizes que já foram pessoalmente aggedidos pela imprensa, S. Exc. podia, deixando de lado as suas immunidades, chamar os seus detractores aos tribunaes. S. Exc. tem com certeza confiança na justiça da sua causa, e se não lançou ainda mão deste recurso é porque não acredita muito na justiça americana quando esta tem de decidir entre um compatriota e um sul-americano.

O governo norte-americano ainda, ha pouco, deu uma nova prova da pouca con-

sideração que lhe merece a Republica brasileira. O governo de Washington elevou á cathegoria de embaixadores, o seu ministro em Pariz e os seus representantes juncto ás côrtes de Londres, Berlim, Vienna, Roma, Madrid e São Petersburgo. Ora, o Brazil é a segunda nação da America por todos os titulos; ha a consideração importantissima de que, pelo isthmo do Panama, temos a honra de estar presos ao mesmo continente occupado pelos Estados Unidos; temos, como elles, presidentes, ministros irresponsaveis, etc. Sendo assim, está claro que o Brazil merece muito mais dos Estados Unidos do que as carunchosas e decrepitas monarchias européas. Não obstante tudo isto, o governo de Washington conserva no Rio um qualquer representante diplomatico de segunda categoria, não dando ao Brazil a confiança de tratar o seu governo com a consideração com que tracta o governo hespanhol ou o governo austriaco. E' mister confessar que Washington usa para com o Brazil de fraternidade em dóse muito moderada.

Desde que fallamos em imprensa, devemos fallar de outro modo pelo qual tambem se manifesta sempre, pela maneira que temos visto, a amizade dos norte-americanos pelo Brazil. Fallamos da noticia alarmante falsa ou verdadeira. Nem tudo são rosas na vida do corpo diplomatico sul americano. Representantes do general A. nomeados pelo general B. estam promptos a servir o general C. Um bello dia chega um telegramma: O general C. atacou o general A.—O que dirá o pobre diplomata aos reporters que o assaltam e perguntam quem tem razão, cousa já grave e, cousa ainda mais grave —quem vencerá? E' difficilima a resposta. Alguns ha que se arriscam; se acertam, muito bem. Mas se se enganam, estam perdidos, porque o vencedor demitte-os sem piedade. Os espertos calam-se. A reportagem porém, é feroz; a reportagem ganha por linha de noticia fornecida e um reporter, quando não tem essa noticia, inventa-a. Muita vez, ha ingenuos que enchergam profundos machiavelismos, intrigas habilissimas e perfidos intuitos de partidarios ou conspiradores mysteriosos, n'uma noticia que foi arran-

jada n'um pobre quinto-andar, n'uma agua furtada de um reporter qualquer, que forjou essa noticia para equilibrar o seu orçamento da semana.--Ha porém outro genero de noticia falsa que deve cair e cahe dentro da acção dos tribunaes. E' a noticia falsa com fins de especulação, para a qual ha penalidade nas legislações de certos paizes. Ora, estas noticias falsas para fazer subir ou descer o café nos mercados, para fazer subir a cotação dos titulos brazileiros, nem sempre são noticias contrarias ao governo do Brazil. A especulação é de uma imparcialidade provada; as vezes annuncia os mais lisongeiros acontecimentos, outras vezes as catastrophes as mais terriveis. Em todo o caso, New York é que é o ponto de concentração e de expedição destas noticias. Os jornaes americanos têm gasto muito dinheiro para ter noticias do Brazil, nas differentes crises agudas da Republica, mas, em vez de receberem directamente estas noticias, recebem-nas via Buenos Ayres e Montevideo onde as noticias são todas exageradas e apimentadas com a má vontade dos nossos irmãos argentinos e uruguayos que são nos-

soz inimigos apezar de nós termos seguido o seu exemplo adoptando a fórma de governo da Argentina e do Uruguay. Os Estados Unidos são, para o resto do mundo, o vehiculo transmissor da bilis argentina contra o Brazil; são os correspondentes de jornaes americanos que atacam o Brazil, são as agencias telegraphicas americanas que enviam para todos os pontos do globo, as noticias deprimentes do Brazil, noticias muitas vezes falsas, por vezes exageradas e, ai de nós! às vezes tambem verdadeiras. E o que é curioso é que os jornaes da Europa, que recebem dos Estados Unidos essas noticias, que transcrevem-nas, é que passam por difamadores do Brazil. Se os jornaes americanos são insolentes para com o Brazil o que póde verificar facilmente toda a gente, o mundo commercial dos Estados Unidos tambem nos é adverso.

Nunca dos Estados Unidos veio o minimo auxilio para as nossas industrias, para a nossa lavoura, ou para a nossa viação ferrea. Ha perto de quatrocentos mil contos de réis da Inglaterra empregados no Brazil quer em emprestimos ao governo quer em cami-

minhos de ferro e outras industrias. O Brazil era pobre quando iniciou a sua existencia, era despovoado, tinha ás portas inimigos ameaçadores, tinha problemas internos gravissimos—e a Inglaterra teve confiança no Brazil, a Inglaterra nos confiou os seus capitães, mesmo em épocas arriscadas. E o povo inglez é tão superior que, em 1865, estando o Brazil de relações rôtas com a Inglaterra, por motivo de questão Christie, (questão de que a dignidade do Brazil sahio illesa) conseguiu levantar em Londres um emprestimo, na occasião em que iniciavamos uma guerra terrivel. E os capitães inglezes não corriam pequeno risco; aventuravam-se a todas as emergencias da guerra com o Paraguay e aos possiveis e mesmo prova-veis desastres da abolição. E em quantas empresas estes capitães, em acções ou em obrigações, não estam por assim dizer enterrados? Se se aponta a São Paulo Railway como empresa até ha pouco tempo remuneradora, em todas as outras estradas feitas com capital inglez os accionistas não recebem dividendos, ou recebem-nos minimos. E que enorme capital não ha empregado

na Alagoas Railway, Bahia e São Francisco, ramal do Timbó, Brazil Great Southern, Imperial Bahia Company, Natal e Nova Cruz, Campos e Carangola, Conde d'Eu, Caravellas Navigation Company, Dona Thereza Christina, Leopoldina, Macahé e Campos, Porto Alegre e Nova Hamburgo, Recife São Francisco, Norte do Rio, Southern Brazilian, Bahia Central Sugar C.^o, North Brazilian Sugar Factories, Rio de Janeiro Flour Mills C.^o, Gaz da Bahia, Gaz do Pará, do Ceará, Gaz do Rio, Aguas de Pernambuco, etc., etc.? Todas estas empresas que enumeramos, representam milhões de libras esterlinas que nada, ou quasi nada, rendem aos capitalistas. Entretanto estes capitaes ahí estão fructificando para o Brazil, mantendo a facilidade de transporte em regiões que della se aproveitam e dando luz e agua ás populações. E as empresas que dão alguma remuneração de quantos beneficios não enchem o Brazil? E que enorme prejuizo já não têm dado aos capitalistas europeos as nossas desgraças? Confiados n'um longo passado de tranquillidade, os capitalistas europeos tinham os titulos brasileiros no mesmo

apreço que os das primeiras nações do mundo. O 4^o/o brasileiro estava a 90 a 14 de Novembro de 1889; hoje vale 54. Os capitalistas confiaram em nossa estrella; estavam ao nosso lado nos dias prosperos, perdem hoje connosco nos dias máos. E, se algum capitalista europeu se queixa, não somos nós, os devedores, que devemos protestar. As nossas desgraças não provém de causas physicas; se estivessemos arruinados por algumas causas naturaes, se o café tivesse tido uma molestia destruidora, como a *Hemileia vastatrix* de Ceylão e Java, se terremotos, sêccas ou inundações nos tivessem reduzido ao ponto em que estamos então a queixa seria insensata. Mas não, . . . tudo caminha, na parte que compete a Providencia ou ao acaso, admiravelmente; agora, na parte que cabe aos homens, sabemos todos o que tem sido. Dizem, porém, que ha por ahi uma cousa que precisa se consolidar e que para essa consolidação se dar, é preciso que todos os brasileiros soffram. As victimas têm o seu bom senso e ellas já dizem ou pensam: Se é preciso soffrermos tanto, é melhor que a tal cousa não se con-

solide! Esta opinião é fatalmente a de todo homem isento da superstição partidaria.

Voltando aos americanos, devemos perguntar: de que auxilio têm elles sido para o desenvolvimento da prosperidade material do Brazil? Os capitaes delles para cá não vêm, os seus braços para cá não emigram. As duas empresas de navegação que organisaram acabaram na fallencia culposa e mesmo fraudulenta, fugindo o americano gerente de uma dellas com o dinheiro dos accionistas brasileiros e com a subvenção que lhe pagou o governo.

Falla-se que os americanos são nossos grandes freguezes de café. Em primeiro lugar, é absurdo fazer-se deste facto motivo para uma gratidão sentimental. Os americanos não compram café por amizade, nem por philantropia. Compram porque querem bebê-lo e, não o tendo em casa, procuram-no onde encontram e o paiz productor que mais lhes convem é o Brazil. Mas, ainda em relação ao café, é força confessar que a feição dos mercados europeos é mais favoravel ao Brazil do que o mercado de New York.

Seja pelo que fôr, o motivo, a tendencia constante dos mercados europeos é para a alta e New York é para a baixa. Sem duvida, de um e de outro lado, o que determina esta attitude é a especulação, mas é innegavel que devemos ter mais sympathias por aquelles que, embora só por interesse proprio, promovem a valorisação de um producto brasileiro, valorisação que redundando em proveito do Brazil. Falla-se que a França impõe um pezado direito de entrada sobre o café, mas quem paga esse direito é o proprio consumidor francez. Demais o Hâvre, Antuerpia e Hamburgo, têm, no seu papel de mercados distribuidores, espalhado pela Europa toda o nosso café e desenvolvido muito o seu commercio. New York, porém, peza sempre no mercado do mundo pelos seus grandes esforços para fazer cahir o café; quando a lavoura do Brazil esteve quasi desanimada pela baixa do café foi porque a especulação de New York estava triumphante! E hoje mesmo, afrouxem os mercados europeos os seus esforços, e o fazendeiro verá que os americanos envilecem logo o seu producto e se verá

cambio baixo e café tambem baixo o que não é impossivel, como muita gente crê.

Temos visto o que os Estados Unidos têm sido para toda a America Latina.

Insistimos especialmente no que tem sido para nós na diplomacia e na ordem economica. Terminaremos vendo qual a influencia d'aquelle paiz na ordem moral e intellectual.

A influencia dos Estados Unidos sobre o Brazil fez-se sentir, em nossa grande questão social—a escravidão.

Não teriamos conservado por tanto tempo aquella instituição iniqua, se a maior nação da America não tivesse tentado legitimá-la e se, da parte escravocrata dos Estados Unidos, não nos viesse o incentivo, se não chegasse até nós a noticia do que se dizia e do que se fazia nos Estados Unidos para defender a escravidão.

A corrupção politica e administrativa é a propria essencia do funcionamento do Governo americano. Os Estados Unidos são o paiz mais rico do mundo; rico pelas opulencias naturaes, pela sua enorme extensão, pela fertilidade do solo, pelos seus portos,

suas bahias, seus lagos, seus grandes rios navegaveis, suas minas incomparaveis. Povoados um solo destes pela raça saxonia, como poderia deixar este paiz de ser uma nação forte e poderosa? O solo mais rico do mundo, habitado pela raça mais energica da especie humana—eis o que são os Estados Unidos. Aquelle paiz é grande, mas não é por causa do seu governo. Ao amor proprio de outras nações pobres ou, por outra, menos ricas em vantagens naturaes do que os Estados Unidos e habitadas por individuos de raças menos energicas—repugna o confessar esta inferioridade. Insensivelmente, a gente é levada a não reconhecer as alheias superioridades ou attribuil-as a causas pouco desagradaveis para a nossa vaidade. Não ha desar algum em dizermos que ha povos governados com mais acerto do que nós—mas, quanto a confessarmos que esses povos o que são, é melhores do que nós, quanto a dizermos que a terra delles é mais rica do que a nossa—a isso é que nunca nos havemos de resignar. Por essa razão, é explicavel que alguns brasileiros, de espirito simplista, queiram por força vêr, nas

vantagens que nos levam os Estados Unidos em prosperidade, um effeito, não de causas naturaes e irremediaveis, mas uma resultante da differença dos governos. O solo não se póde trocar, a raça não se póde substituir, mas, em todo o tempo, é possível mudar o governo. Não podendo dar-nos o solo dos Estados Unidos, nem as qualidades ethnicas do seu povo--houve quem quizesse dar-nos ao menos o seu governo, isto é, o que de menos invejavel tem a grande nação. Copiemos, copiemos, pensaram os insensatos, copiemos e seremos grandes! Deveríamos antes dizer: Sejamos nós mesmos, sejamos o que somos e só assim seremos alguma cousa—Imagine-se um individuo qualquer que, admirando uma téla de Velasquez deseje pintar como elle. De que lhe servirá ter a tela, os pinceis, a palheta e as tintas perfeitamente iguaes, em materia prima, tamanho e dosagem ás do pintor hespanhol? Debalde arranjará as tintas e esforçar-se-ha para pintar como Velasquez. Terá tudo quanto tinha Velasquez menos o genio, e mesmo tendo genio, será outro genio e não o genio de Velasquez. Assim, os

paizes sul-americanos, querem ser ricos e prosperos como os Estados Unidos e pensam que conseguirão isto copiando artigos da constituição norte-americana. E, como é muito da natureza humana imitar mais facilmente os vicios do que as virtudes, a imitação das practicas corruptas da administração americana, é cousa muito natural. « Nos Estados Unidos rouba-se muito » pensa o empregado publico sul-americano, « e, apesar d'isso, são um grande paiz; ora, por que tambem não será grande o meu paiz, apesar de eu roubar e dos meus collegas roubarem? ». Este raciocinio apresenta-se forçadamente á fragilidade do funcionario, a tentação fortalece-se e . . . o resto temos visto. Não ha salteio á propriedade que não encontre excusa no facto de ser esse salteio muito commum nos Estados Unidos. Essa é a influencia deleteria que os Estados Unidos exercem na America. Os vicios dos grandes corrompem os pequenos e o máo exemplo dos poderosos é a perdição dos humildes.

A civilização norte-americana póde deslumbrar as naturezas inferiores que não pas-

sam da concepção materialistica da vida. A civilisação não se mede pelo aperfeiçoamento material mas sim pela elevação moral. O verdadeiro thermometro da civilisação de um povõ é o respeito que elle tem pela vida humana e pela liberdade.

Ora os americanos têm pouco respeito pela vida humana. Não respeitam a vida de outrem e nem a propria. Herbert Spencer dizia aos americanos que elles comettem um erro fundamental no programma da vida, gastando-a com a febre, em que mutuamente se exaltam, e que dá lugar ao perecimento precoce do animal homem, pela apparição das mais medonhas e frequentes formas de nevrose. A vida de outrem é cousa de pouca consideração nos Estados Unidos. Os tribunaes regulares matam juridicamente com frequencia, os assassinatos criminosos são vulgarissimos e os lynchamentos crescem em numero todos os dias. Tudo isto são fórmias accentuadas de desprezo pela vida humana. O lynchamento é o assassinato colectivo e, o facto da victima ser, ás vezes, criminosa, em nada diminue o horror do facto, porque esse é aggravado, já pelos

requintes frequentes de ferocidade, já pela irresponsabilidade do ajuntamento que resolve e executa a pretendida sentença. No Brazil, ha uma pequena colonia americana; a parte della estabelecida na zona cafeeira do sul, veio, quasi toda, ao findar a guerra de secessão e era composta de sulistas que, privados de têr escravos na sua patria, emigravam para o paiz onde ainda lhes era permittido esse prazer. A população brasileira vio chegar esses novos hospedes e vio os que se installaram na agricultura excederem em ferocidade aos mais rudes e perversos atormentadores de escravos. Os americanos introduziram novas fórmãs de tormentos e novos apparelhos de supplicio. Como os inglezes transportam-se aos confins do mundo levando as suas pás de *criket* e as suas redes de *lawn-tennis* e conservam o amor dos exercicios physicos, que é a força da sua raça, os americanos traziam, para usar nos escravos, azorragues aperfeiçoados e algêmas *patent* e tractaram logo de propagar o lynchamento. Nos varios casos de lynchamentos de que temos no-

ticia, ha sempre um americano instigador e participante. Esses casos têm sido raros até e circumscriptos á zona de São Paulo onde ha americanos. O exemplo é porém funestissimo, o contagio rapido, tanto mais quanto a impunidade é certa.

O espirito americano é um espirito de violencia; o espirito latino, trasmittido aos brasileiros, mais ou menos deturpado atravez dos seculos e dos amalgamas diversos do iberismo, é um espirito juridico que vae, é verdade, á pulhice do bacharelismo, mas conserva sempre um certo respeito pela vida humana e pela liberdade. O rabula d'aldeia é, sem duvida, um ente inferior, mas em todo o caso, é superior, como unidade social, ao capanga e ao mandão. O periodo do desbravamento da terra, da derrubada das mattas, do estabelecimento das primeiras culturas, é, no interior e nas localidades novas, a idade do capanga; o escrivão, o promotor, o juiz, que vêm depois, expellem e eliminam o capanga. E' a lei que substitue a violencia. O espirito americano, infundido nas populações, é antes favoravel ao capanga do que

á gente do fôro; é o estrangeiro, cujo prestigio é sempre grande, é o homem de cabello louro e de olhos azues sempre acatado pelos nossos negroides, influindo, em favor da violencia, nobilitando-a pela sua prepotencia. O americano, mesclado com as camadas inferiores da população rural, não é um factor de progresso. Elle age sobre o meio e o meio reage sobre elle havendo uma communição reciproca de defeitos que afoga as qualidades de ambos. Uma ou outra enxada aperfeiçoada que o americano traz, algum canivete de mólas engenhoso, que elle introduz na ferramenta nacional, não são beneficios que compensem os males que elle nos faz.

Isto quanto á massa popular é o que temos observado no Sul do Brazil onde, em pontos isolados, houve, em tempos, pequenos nucleos de colonos americanos. No norte do Brazil, cremos que não ha americanos senão como negociantes no littoral, além do classico dentista e talvez de um ou outro medico desgarrado. Nos sertões do norte, cremos que o americano é

conhecido apenas sob a fôrma nomade de comprador de couros de cabra por conta dos negociantes da costa.

Na ordem intellectual, os beneficios da America do Norte em relação ao Brazil não são em nada especiaes. O Brazil não têm beneficiado mais do que as outras nações do mundo, dos inventos americanos. Têm sido viajantes allemães, francezes, inglezes e dinamarquezes que têm escripto os melhores livros sobre o Brazil e melhor estudado a nossa natureza. Se exceptuamos Hart, americano, cujas monographias são reveladoras de uma profundeza de observação notabilissima, se exceptuamos Orville Derby cujos trabalhos são do mais alto valor e cujos serviços á sciencia brazileira têm sido e hão de ser ainda inestimaveis, onde estão os escriptores americanos que se têm occupado de modo serio do nosso paiz? Os professores que aqui se apresentam têm sido de uma mediocridade desesperante, nada têm feito, nada têm creado. E poderiamos encher duas paginas com os nomes dos europeus que pelo livro, pelo estudo, pela observação e pelo ensino, têm traba-

lhado no reconhecimento scientifico das nossas riquezas e elevado o nosso nivel intellectual.

E o que diremos dos estudos que têm feito brasileiros nos Estados Unidos.? Salvas algumas excepções, pôde-se dizer que os—formados nos Estados Unidos—são, na concurrencia brasileira, os que menos sabem e os que menos preparo têm. São engenheiros incapazes, medicos que, ás vezes, nem ousam affrontar o exame de sufficiencia e muito outros doutores em artigos de phantasia como agricultura, architectura, etc. etc. e a quem faltam os rudimentos de toda e qualquer instrucção geral. E' verdade que, em certas familias brasileiras, mandam-se para os Estados Unidos os incapazes, os reprovados nas escolas do Brazil enfim os mesmos rapazes que, n'outro tempo, ião para padres ou para soldados. Seja como fôr, a verdade é que os torna-viagens dos Estados Unidos, embora voltem um pouco desasnados, não vêm em geral trazer, ao concurso das actividades brasileiras, senão a sua perturbadora ou pelo menos inutil e grande incompetencia, aggravada

pela presumpção. Isto provem de que, nos Estados Unidos, ha Universidades para todas as intelligencias como ha hoteis para todas as bolsas. Ha tambem gradações nos diplomas. Ha para todas as capacidades e para todos os preços. E esta mocidade julga as cousas americanas, compara os Estados Unidos com o Brazil, não vê as nossas qualidades, não conhece os antecedentes da nossa historia, os feitos dos nossos maiores e porisso quer lançar tudo ao desprezo, rompendo com o passado e, se elles pudessem, transformariam a sociedade brasileira n'um arremedo simiesco dos Estados Unidos que elles julgam o primeiro paiz do mundo porque ha por lá muita electricidade e bons water closets. Não tendo a ponderação que á raça saxonia dá a harmonia do seu desenvolvimento, estes nossos pobres luso-indio-negroides desequilibram-se de todo, no meio da febricitação americana. Não encontramos na vida da nacionalidade brasileira nenhum traço luminoso de um discipulo americano. Nem ao menos, por esse lado, temos cousa alguma que agradecer á republica norte-americana.

V

Devemos concluir de tudo quanto escrevemos:

Que não ha razão para querer o Brazil imitar os Estados Unidos porque sahiriamos da nossa indole e, principalmente, porque já estam patentes e lamentaveis, sob nossos olhos, os tristes resultados da nossa imitação ;

Que os pretendidos laços que se diz existirem entre o Brazil e a republica norte americana, são ficticios, pois não temos com aquelle paiz affinidades de natureza alguma real e duradoura ;

Que a historia da politica internacional dos Estados Unidos não demonstra, por parte d'aquelle paiz, benevolencia alguma para conosco ou para com qualquer republica latino-americana ;

Que todas as vezes que tem o Brazil estado em contacto com os Estados Unidos tem tido outras tantas occasiões para se convencer de que a amizade americana (amizade unilateral e que aliás só nós apregoamos) é nulla quando não é interesseira ;

Que a influencia moral d'aquelle paiz, sobre o nosso, tem sido perniciosa.

Se a longa série de factos que apresentamos, se as razões que expendemos não bastassem para chamar á verdade os espiritos ainda os mais rebeldes, bastaria citarmos a opinião do maior dos Americanos, para dissipar as velleidades de affecto e os ingenuos sentimentalismos que nos querem impôr a respeito dos Estados Unidos.

Não! Toda a tentativa para, em troca de qualquer serviço, collocar a patria livre e autonómica em qualquer especie de sujeição para com o estrangeiro, é um acto de ineptia e é um crime.

Jorge Washington, na sua mensagem de adeus, verdadeiro e sublime testamento, escreveu as seguintes palavras que a veneração americana tem conservado atravez das gerações :

«... DEVEIS TER SEMPRE EM VISTA QUE É LOUCURA O ESPERAR UMA NAÇÃO FAVORES DESINTERESSADOS DE OUTRA E QUE TUDO QUANTO UMA NAÇÃO RECEBE COMO

FAVOR TERÁ DE PAGAR MAIS TARDE COM
UMA PARTE DA SUA INDEPENDENCIA...
NÃO PÓDE HAVER MAIOR ERRO DO QUE
ESPERAR FAVORES REAES DE UMA NAÇÃO
A OUTRA...» (1)

Que o conselho de Washington não sirva
sómente para os seus compatriotas... Os
brazileiros devem acceitar a lição e, sejam
quaes forem as fatalidades do momento,
saibam elles repellir o estrangeiro que só
consequirá aviltar o paiz que acceitar os
seus serviços.

Que seja ao menos brazileiro o braço
que tiver de punir a brazileiros.

.....
No recanto do solo brazileiro d'onde es-
crevemos estas linhas, os mezes de Setem-
bro e de Outubro deste anno de 1893, não

(1) ... constantly keeping in view that it is folly
in one nation to look for disinterested favours from
another; that it must pay with a portion of its inde-
pendance for whatever it may accept under that cha-
racter. There can be no greater error than to expect
or calculate upon real favours from nation to nation.

se distinguiram em cousa alguma dos de outros annos. Estas semanas são as da primeira *carpa* das roças e do plantio do milho. Quanta philosophia inconsciente e practica, quanta sabedoria innata neste povo! E quanto sentimos que a civilisação destruisse em nossa alma a serenidade desta gente!

Clama alto em nosso espirito a voz da experiencia fria e implacavel e, pessimista, ella nos diz: A colonisação iberica da America foi um insuccesso, foi uma desgraça para a civilisação do nosso planeta. Não chegam a ser nações os agrupamentos em que ganglios de populações mestiças, oriundas de todas as inferioridades humanas, querem por força fingir de povos... O amalga artificial chamado Brazil está desfeito apezar de duas ou trez gerações terem chegado a viver e morrer na illusão do artificio, que agora vae findar.

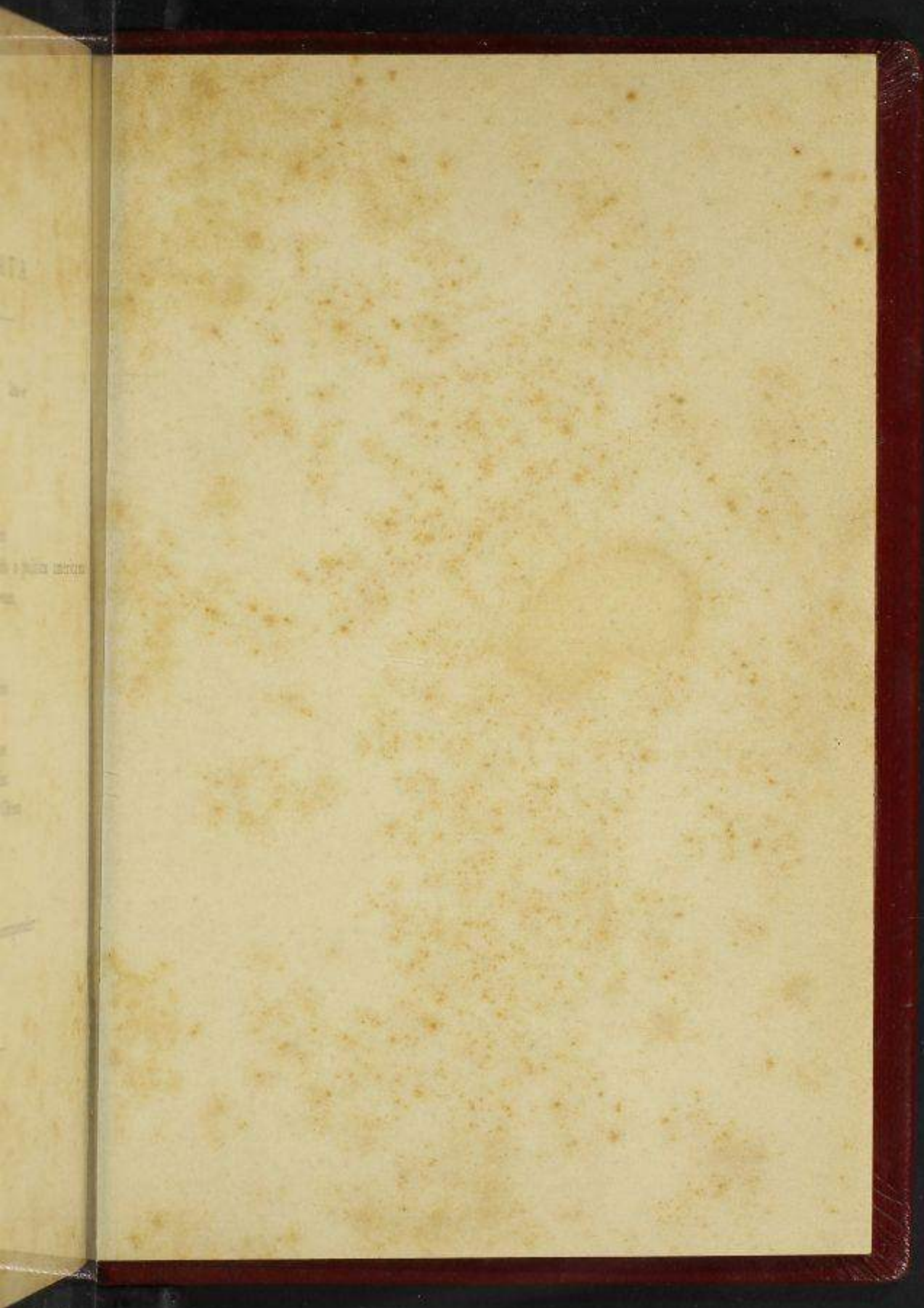
Vemos porém o bloco immenso de uma rocha ferruginosa, ora decomposta, e que fórma uma montanha de terra arroxada, como que embebida do sangue, ainda fresco, de hecatombes recentes. Aquella terra já existia ha milhares de annos, antes de

existir tudo quanto hoje existe e faz ruido. Ella existia antes do tempo em que o exercito de Cesar era contra a armada de Pompeu. Existirá ainda, quando, de outros ambiciosos, não restarem nem os nomes pouco illustres.

29 de Outubro de 1893.

ERRATA

Paginas	Linhas	Leia-se
5	11	Esta, paiz...
5	23	atacou-a
9	3	<i>Eripuit</i>
30	4	<i>professional wits</i>
38	8 e 9	o que tem sido a politica americana
40	12	, por muitas vezes,
41	14	abandonado
52	7	Do outro
53	11	Governor Morris
65	11	na guerra
79	9	eram enforcados
80	6	n'aquella epocha
80	8	Na guerra da China
80	24	da China
86	25	soffrimento
97	16	de Carthago
97	23	tiveram de se arrepender
102	3	humilhar



008240

